

DIEGO DE SOUSA MENDES

**EDUCAÇÃO FÍSICA & NOVAS LINGUAGENS COMUNICACIONAIS:
Sentidos e Significados da produção de recursos audiovisuais à formação de
professores da área.**

**Florianópolis,
Julho de 2005**

DIEGO DE SOUSA MENDES

**EDUCAÇÃO FÍSICA & NOVAS LINGUAGENS COMUNICACIONAIS:
Sentidos e Significados da produção de recursos audiovisuais à formação de
professores da área.**

**Trabalho de Conclusão de Curso realizado na
Disciplina Seminário de Monografia de
Licenciatura em Educação Física da
Universidade Federal de Santa Catarina.**

Orientador: Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires

**Florianópolis,
Julho de 2005**

TERMO DE APROVAÇÃO

DIEGO DE SOUSA MENDES

EDUCAÇÃO FÍSICA E NOVAS LINGUAGENS COMUNICACIONAIS: SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA PRODUÇÃO DE RECURSOS AUDIOVISUAIS À FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA ÁREA

Monografia aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado no Curso de Licenciatura em Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, pela seguinte banca examinadora:

Dr. Giovani De Lorenzi Pires (Orientador)
Departamento de Educação Física do Centro de Desportos, UFSC

Dr. Mauro Betti
Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências da Unesp – *campus* de Bauru

Dr. Fernando Crocomo
Departamento de Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão, UFSC

Ms. Márcio Romeu Ribas
Professor da Uniguaçu - PR

**Florianópolis,
Julho de 2005.**

Queremos saber, o que vão fazer
Com as novas invenções
Queremos notícia mais séria
Sobre a descoberta da antimatéria
E suas implicações
Na emancipação do homem
Das grandes populações
Homens pobres da cidade
Das estepes dos sertões
(...)
Queremos saber, queremos viver
Confiantes no futuro
Por isso se faz necessário prever
Qual o itinerário da ilusão
A ilusão do poder
Pois se foi permitido ao homem
Tantas coisas conhecer
É melhor que todos saibam
O que pode acontecer

(Gilberto Gil)

AGRADECIMENTOS

Mais uma etapa vencida graças a algumas pessoas especiais em minha vida. Meus pais, Hamilton Mendes da Silva e Adir de Souza Mendes; e meus irmão Ailson e Rose. Os incentivadores desta caminhada.

Minha namorada e grande companheira, Gabriela Brandão, obrigado pela paciência e por todos os momentos de alegria, compreensão e incentivo, sem você eu jamais conseguiria. Dedico este primeiro trabalho a vocês e prometo não parar por aqui.

Gostaria de agradecer ainda a todos os familiares, em especial Thaynan e Luana, meus sobrinhos; Sr Sebastião Célio e Maria do Carmo, meus segundos pais.

Aos amigos do coração de Pouso Alegre/MG: Marcílio, Igor, Hugo, Fernanda, Zézito e Daniel, obrigado pelos emails, telefonemas, encontros de feriados e férias e pelos momentos de alegria. Aqui em Floripa: Marquito, meu mais novo irmão, amigo do peito, vocalista da melhor ex-banda do mundo (além da banda Sigma) e futuro sucessor do “Agostinho” da grande família; e Tiozinho, meu psicólogo favorito.

Ao pessoal da Republica: Zézito (José Ferreira Jr.); Ramons Calitri (Ramon); Otta (Otávio); e os antigos: Ricary; Flávio; Mauro e Gaderna (Rafael Petta).

Agradeço aos colegas de curso. Foi muito bom a gente bater de frente com o JINEF, dessa eu não vou me esquecer! Faltou festa, mas valeu as amizades!

Gostaria de agradecer especialmente aos professores que fizeram parte de minha formação, principalmente, Giovani de Lorenzi (Dom Gigio), meu orientador, incentivador, ídolo e parceiro, não me esquecerei nunca das contribuições acadêmicas e pessoais. Serei eternamente grato. Agradeço também aos professores com quem tive maior contato e que sempre me ajudaram e incentivaram nestes quatro anos: Paulo Ricardo Capela, Iara Regina, Maurício Silva, Ingrid Wiggers, Elenor Kunz e Edgar Matiello. Obrigado a todos os professores do CDS que participaram deste momento tão importante de minha vida.

Não poderia deixar de mencionar meus parceiros do grupo de estudos Observatório da Mídia Esportiva, o melhor grupo de estudos! Obrigado Cássia Hack, Márcio Romeu, Sérgio Dorenski, Antônio Galdino, Fernando Bitencourt, Mariana Lisbôa, Cristiano Mezzaroba, Mellyssa Mól, Iracema Munarim, Sheila Antunes, vocês fizeram toda diferença.

Agradeço também aos colegas que contribuíram para esta pesquisa: Prof. Dr. Mauro Betti, Prof. Dr. Fernando Crocomo, Prof. Ms. Márcio Romeu, Prof. Dr. Edgar Matiello, Prof. Ms. Paulo Ricardo Capela, Prof. Carlos Luis Cardosos; aos colegas: Bruno Santana, Francimara Budal, Rafael Gaspar, Cássia Hack, Mellyssa Mol e novamente ao meu orientador Giovani de Lorenzi Pires.

Muito obrigado ao pessoal do NDI (Núcleo de Desenvolvimento Infantil) pela oportunidade de crescimento profissional e pessoal, especialmente, Prof. Giba e Prof.(a) Sandra.

Gostaria de agradecer de coração a família Barcelos Bitencourt de Imbituba/SC, pelo carinho e acolhimento. Dona Zenaide, Clélia, Yago e Sr. Lelêi. Vocês fazem parte de minha história.

Agradeço a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e ao Centro de Desportos – UFSC, por possibilitarem minha formação e por todos os momentos felizes e reflexivos.

Por fim gostaria de agradecer a Ivanise Vitale Cardoso pela colaboração, boa vontade e pela aproximação deste acadêmico com a UNIVAS.

E ainda, agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram na realização deste trabalho e dessa jornada que chegou ao fim.

Obrigado Deus!

Com muito carinho e atenção,

Diego S. Mendes.

SUMÁRIO

RESUMO.....	IX
1. INTRODUÇÃO: APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO PROBLEMA.....	01
1.2 OBJETIVOS E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO.....	03
1.3 PERCURSO METODOLÓGICO.....	04
2.a FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA PARA UMA FORMAÇÃO/EDUCAÇÃO PARA A MÍDIA.....	07
2.1 NOVAS TECNOLOGIAS E FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....	07
2.1.1Tecnologias Comunicacionais e a Formação de Educadores: A TV sob controle ou a TV no controle?.....	09
2.21A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A EDUCAÇÃO COM A MÍDIA E PARA A MÍDIA.....	15
2.2.1Estudos Midiáticos em Educação Física: o reconhecimento pela comunidade científica.....	19
2.2.2A Produção de Audiovisuais como Ferramentas Metodológicas de Educação para Mídia em Educação Física.....	22
2.2.3Os vídeos como possibilidade de construção de novos saberes: sobre as imagens na contemporaneidade.....	24
3. LEVANTAMENTO DOS ARQUIVOS DO LABOMÍDIA PARA A CONSTITUIÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS.....	28
3.1 ABRINDO AS PORTAS DO LABOMÍDIA: UMA BREVE APRESENTAÇÃO.....	29

3.2 ANALISANDO A PRODUÇÃO DO LABOMÍDIA: “UM POSSÍVEL ESTADO ATUAL DA ARTE”.....	32
3.3 TRANSFORMANDO NÚMEROS EM FATOS: A COMPOSIÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS.....	35
3.3.1 Procedimentos Para Análise Dos Dados De Campo.....	37
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: GRUPOS FOCAIS E ENTREVISTA.....	41
4.1 POSSIBILIDADES TÉCNICAS/INSTRUMENTAIS.....	43
4.2 VÍDEO: LINGUAGEM & CONHECIMENTO.....	48
4.3 RE-FORMANDO O OLHAR.....	57
5. OBSTÁCULOS E SUGESTÕES.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	84
ANEXOS.....	86
ANEXO 1: ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS.....	87
ANEXO 2: RELAÇÃO DOS TÍTULOS DE VÍDEOS PRODUZIDOS NO LABOMÍDIA.....	89
ANEXO 3: FORMULÁRIO DE REGISTRO DOS VÍDEOS DO LABOMÍDIA.....	90

RESUMO

Tendo em vista a grande participação da mídia no cotidiano e na formação das novas gerações, cada vez mais a Educação se volta para a formação de professores capacitados para lidarem com esta realidade. Este é um desafio também imposto à Educação Física, uma vez que os elementos da cultura de movimento encontram-se amplamente contemplados nos veículos de comunicação de massa, especialmente os esportes. Nesse contexto, o curso o CDS/UFSC criou, em 2003, um laboratório de Mídia – LaboMídia – como espaço para a produção de conhecimentos sobre a inter-relação Educação Física e Mídia. Neste espaço é possibilitado à comunidade do CDS, entre outras coisas, a produção de materiais audiovisuais. Assim, o presente trabalho foi uma investigação a respeito dos significados atribuídos por graduandos, pós-graduandos e professores do CDS/UFSC à produção de trabalhos em vídeo durante suas formações. Buscando identificar qual a relevância desta prática e do espaço do LaboMídia na formação de professores e futuros professores de Educação Física. Este trabalho é caracterizado como uma pesquisa descritiva de caráter exploratório. O percurso metodológico foi traçado a partir da construção de um referencial teórico sobre a formação de educadores e os estudos sobre a mídia. Posteriormente foi realizado um levantamento do acervo de vídeos do LaboMídia para a identificação dos sujeitos da pesquisa, bem como de tendências e limites existentes nos vídeos produzidos no CDS. Na seqüência, foram formados grupos focais com os participantes indicados pela análise dos vídeos. Os dados coletados dos textos transcritos dos grupos focais e entrevista foram tratados através da *análise de conteúdo*. Desta forma, elaborou-se três agrupamentos categoriais: “*Possibilidades Técnicas/Instrumentais*” (discute a aproximação dos participantes da pesquisa com os recursos tecnológicos e instrumentais de produção de vídeos e o deslumbramento pela tecnologia), “*Vídeo: Linguagem & Conhecimento*” (falas que evidenciavam a busca por uma nova forma de linguagem para veiculação dos saberes científicos e também para uma nova forma de produção do conhecimento), “*Re-Formando o Olhar*” (a identificação de que a produção de vídeos constitui uma atividade formativa, possibilitando aos sujeitos uma nova forma de assistir, compreender e interpretar a mídia enquanto cidadãos, e indicando outras formas de intervenções pedagógicas através do uso das mídias enquanto uma forma de conhecimento). Por fim, discutimos os obstáculos e sugestões apontados pelos participantes da pesquisa sobre a produção de audiovisuais na formação em Educação Física. Pode-se perceber que a produção de vídeos na formação de graduandos, pós-graduandos e docentes é uma prática pedagógica relevante para a formação de futuros e atuais professores de Educação Física críticos e autônomos em relação a mídia, principalmente, quando aliada ao debate teórico sobre as inter-relações entre a Educação Física e os meios de comunicação de massa.

1. INTRODUÇÃO: APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO PROBLEMA.

Nos dias atuais, os meios de comunicação de massa, em especial a televisão, assumiram um importante papel e um grande espaço na formação das pessoas. Isso se dá devido à enorme velocidade e à quantidade de informações que são veiculadas diariamente no cotidiano de todas as camadas sociais, visto que a televisão é o meio de comunicação de maior acesso da população em geral. A TV exerce forte sedução estética sobre nossos sentidos visual e auditivo, constituindo um instrumento privilegiado na transmissão, socialização e formação de valores e ideologias diversas.

Os novos meios de comunicação, especialmente a TV, também atingem os cursos de formação profissional, justamente porque, em muitos casos, a escolha por uma profissão, ou mesmo a compreensão sobre a mesma e sua atuação social, pode advir de anseios e desejos gerados de imagens construídas a partir do senso comum e de um imaginário social reforçado ou até mesmo criado pela mídia (principalmente através de estereótipos). É comum vermos na TV, em novelas, seriados e filmes, as imagens de médicos, advogados e empresários sempre bem sucedidos e bem vestidos, em detrimento da imagem de outros profissionais como as “professorinhas” das novelas, sempre tacanhas e mal-vestidas. Já os professores de Educação Física, nas novelas, são sempre “sarados” e destituídos de maiores capacidades intelectuais. Como estas, várias outras imagens estereotipadas são criadas e reforçadas nos mais diversos tipos de programas.

Desta forma, os cursos de formação profissional, em especial os de formação de educadores e profissionais que atuam em ambientes educacionais e escolares, vêm buscando disseminar e garantir espaços e conteúdos que possibilitem um maior aprofundamento dos futuros profissionais das áreas educacionais nas questões a respeito da mídia e formação/educação. Com o curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC não foi diferente. Desde de 2003, com a implantação de uma ilha de edição no LaboMídia (Laboratório de Mídia do CDS), tem-se possibilitado a professores, acadêmicos da graduação e pós-graduandos a produção e veiculação de materiais audiovisuais, estudos e pesquisas sobre mídia no âmbito da cultura de movimento no seio acadêmico, principalmente quando aliado a outros espaços, como, por exemplo, disciplinas, grupos de estudo, etc.

Frente a essa realidade, propomos-nos, então, a apresentar um estudo que possa, identificar, descrever e refletir a importância e a influência da utilização dessas novas possibilidades de linguagem (audiovisuais) na construção do conhecimento de profissionais e futuros profissionais do curso de Educação Física da UFSC, através do seguinte problema: *Quais os significados atribuídos por professores, acadêmicos e pós-graduandos do curso de Educação Física à produção de recursos audiovisuais para sua formação acadêmica e/ou profissional?*

A escolha do tema se deve, primeiramente, ao fato de tratar-se de um curso de Licenciatura, isto é, de formação de professores preferencialmente para o âmbito escolar, em que a temática mídia vem emergindo cada vez mais frente à realidade em que estamos inseridos. A mídia assumiu papel significativo na formação e educação da população, não podendo ser menosprezada pelas áreas do conhecimento que se fazem presentes nos ambientes educacionais. Segundo Demo,

o professor precisa saber produzir e usar instrumentação eletrônica a serviço da educação. Esta questão detém extrema complexidade e passará a ser alvo de interesse e cada vez mais intenso, inclusive por razões de motivação das novas gerações, que já se cansaram da escola tradicional (DEMO, 1998, p. 193).

Outro fator relevante deste estudo consiste no fato de ser o primeiro trabalho acadêmico que trata do LaboMídia, o mais recente laboratório do CDS, que é um espaço pedagógico para formação dos acadêmicos frente a uma proposta de educação para a mídia e Educação Física. Este trabalho também presta uma importante contribuição à literatura existente sobre o tema aqui abordado, já que não há registro, até o presente momento, de outras monografias na biblioteca do CDS referentes a este enfoque.

Assim, nos propomos, aqui, a apresentarmos nossas intenções em relação a este trabalho de pesquisa, que esperamos, poder contribuir a comunidade acadêmica de maneira significativa frente a nossos desafios educacionais, profissionais e científicos.

1.2 OBJETIVOS E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

O propósito do presente trabalho é identificar e descrever as contribuições do LaboMídia na formação acadêmica e/ou profissional daqueles que, de forma mais freqüente e significativa, utilizaram o espaço e as tecnologias do laboratório para produzir vídeos no âmbito acadêmico, buscando identificar os significados que estas produções proporcionaram aos mesmos.

São objetivos do trabalho:

- a) Analisar o estado da arte sobre os audiovisuais e novas tecnologias, no âmbito da formação de professores e, especificamente, de professores de Educação Física;
- b) Promover um balanço do acervo de vídeos do LaboMídia;
- c) Compreender os sentidos e significados atribuídos à produção e utilização de materiais audiovisuais na formação acadêmica e profissional por aqueles que utilizaram mais significativamente tais recursos através do LaboMídia;
- d) Identificar tendências e dificuldades constatadas nas produções audiovisuais realizadas no LaboMídia (por acadêmicos, pós-graduandos e professores).

Para atingirmos tais objetivos, guiamo-nos pelas seguintes questões:

- a) Qual a importância das novas tecnologias comunicacionais e das mídias na formação dos professores?
- b) Qual a relevância dos estudos de mídia para a formação do professor de Educação Física nos dias atuais?
- c) Que significados expressam graduandos, pós-graduandos e professores do CDS que utilizaram de maneira mais significativa o LaboMídia?
- d) O LaboMídia contribuiu na formação da comunidade do CDS para uma educação para a mídia?

1.3 PERCURSO METODOLÓGICO.

Este estudo pode ser caracterizado como uma Pesquisa Descritiva de caráter Exploratório. Descritivo pois este tipo de pesquisa envolve a descrição interpretativa com o máximo de abrangência e detalhamento sobre os fatos e fenômenos de determinada realidade, que, neste caso, refere-se a descrição dos significados atribuídos a produção de vídeos como elemento da formação dos profissionais de Educação Física.

O foco essencial deste tipo de trabalho está em conhecer a fundo os traços característicos do objeto, as pessoas envolvidas, o espaço, os valores, os problemas, etc. (TRIVIÑOS, 1990). E pode ser denominado exploratório por nos permitir aumentar nossas experiências em torno do referido problema: “Os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema. O pesquisador parte de uma hipótese e aprofunda seu estudo nos limites da realidade específica” (TRIVIÑOS, 1990. p. 109)

Esta pesquisa está dividida em três partes principais. Uma primeira parte destinada a fundamentação teórica sobre a importância e relevância da linguagem audiovisual na formação profissional, em especial na formação de educadores, onde dialogamos inicialmente com os autores Pedro Demo, Maria Luiza Belloni, Juan Ferrés e materiais dos anais da ANPED¹. Ainda neste primeiro momento buscamos trazer os trabalhos do NP Mídia e Esporte/INTERCOM² para o âmbito da Educação Física, afim de discutirmos de forma específica a relação entre as novas tecnologias comunicacionais e a formação de professores de Educação Física, sua relevância e implicações. As referências específicas da Educação Física para este momento foram fornecidas pelo material do GTT EF/Comunicação e Mídia do CBCE³, os autores Betti, Pires, entre outros. Contamos ainda, com as contribuições do grupo *Observatório Da Mídia Esportiva*⁴ e material do

¹ A ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação – promove reuniões anuais.

² Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido anualmente pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

³ O CBCE - Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte - é a principal sociedade científica da área e se organiza através de GTT's - grupo de trabalho temático -, em que um deles privilegia os estudos da Educação Física, Comunicação e Mídia.

⁴ O Observatório é um grupo de estudo/pesquisa ligado ao Núcleo de Estudos Pedagógicos da Educação Física (CDS/UFSC) e reúne pesquisadores, professores, pós-graduandos e acadêmicos de diversos cursos da UFSC para tematização de conteúdos da Educação Física e Mídia.

Laboratório de Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física⁵, do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano do CEFD/UFSC.

No segundo momento de nosso trabalho buscamos assistir a todos os materiais disponíveis no acervo de produções audiovisuais do LaboMídia, com o objetivo de elaborarmos uma matriz analítica. Feito isso, foi possível realizarmos um levantamento desses materiais (os vídeos do LaboMídia), para selecionarmos um grupo de graduandos, pós-graduados e professores que poderiam constituir a amostra a ser investigada.

O terceiro momento se deu a partir da população identificada em nossa matriz analítica, em que, os sujeitos foram organizados em pequenos grupos (grupos focais). Os grupos focais foram realizados com formação aproximada de 3 a 5 pessoas, sendo solicitada a elas autorização para gravação em áudio e vídeo das conversações. O procedimento de coleta dos dados para os grupos focais foi a *entrevistas semi-estruturadas*. Esse tipo de entrevista é baseado em um roteiro (uma lista escrita de questões e tópicos que precisam ser abordados em uma ordem particular). Segundo Triviños (1990), ao realizarmos uma entrevista, buscamos penetrar no mundo das idéias e das experiências do entrevistado. Ao contrário dos questionários, esse tipo de entrevista deixa espaço para que a percepção, motivações e opiniões do entrevistado se expressem, orientando a entrevista em função de temas específicos.

Podemos entender por *entrevista semi-estruturada*, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, sem seguida oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem respostas do informante (TRIVIÑOS, 1990. p. 146)

Um outro dado complementar aos grupos focais foi obtido, conforme relatamos a pouco, com a realização de uma entrevista com um ex-aluno do programa de pós-graduação em Educação Física UFSC (atualmente Mestre em Educação Física pelo CDS/UFSC e professor universitário da rede privada). Esse professor teve um número significativo de produções audiovisuais no LaboMídia, além de ter escrito sua dissertação de mestrado sobre uma experiência com a produção de vídeos em uma escola da rede municipal de Florianópolis - SC. Como sua participação nos grupos focais não foi viável, enviamos

⁵ Este Laboratório foi o pioneiro na tematização da interface Educação Física e Mídia no Brasil.

através da internet (via Email) o mesmo roteiro das entrevistas elaborado para os grupos focais, que, não sendo uma entrevista presencial, ou seja, não foi possível dialogar com o sujeito, este roteiro se constituiu, neste caso, um questionário aberto.

Por fim, os dados foram transcritos e organizados, sendo tratados a partir do método da *análise de conteúdo*, assim os depoimentos colhidos foram categorizados e em seguida descritos, em constante diálogo com as bases teóricas que constituíram este trabalho.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA PARA UMA FORMAÇÃO/EDUCAÇÃO PARA A MÍDIA

A proposta para este capítulo refere-se aos eixos teóricos que embasam a construção do presente trabalho, em especial dois temas: os novos recursos tecnológicos/comunicacionais na formação dos professores de maneira geral e a presença dessas tecnologias na formação do professor de Educação Física.

Acreditamos que, para uma compreensão ampliada sobre a relevância da utilização das tecnologias comunicacionais e dos estudos sobre os meios de comunicação de massa no âmbito da Educação Física, é necessário primeiramente compreendermos os desafios impostos à Educação no que se refere à educação para a mídia e com a mídia. Porque as questões que motivaram a Educação a voltar-se para a formação para a mídia são, em grande parte, as mesmas questões que motivam a Educação Física a também se dedicar a essa temática, visto que, no tempo em que vivemos, os meios de comunicação de massa assumiram importante papel na formação das novas gerações, inclusive na compreensão que estas têm sobre os elementos da Educação Física.

2.1 NOVAS TECNOLOGIAS E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

É notória, em nossos tempos, a crescente utilização de diversas tecnologias e insumos eletrônicos dos mais variados e distintos modelos, formatos, tamanhos e cores, para a facilitação e otimização do trabalho em todas as áreas de atuação humana (mercadológica, científica, artística, etc.). Dessa forma, a própria trajetória dos homens e da sociedade coloca-nos o desafio de acompanharmos estas novas possibilidades instrumentais/tecnológicas, que cada vez mais se fazem presentes na realidade de todos os setores mercadológicos, perpassando diversas profissões e campos do conhecimento.

Esta realidade em que vivemos – na qual a televisão, a internet e outros meios se tornaram objetos indispensáveis à vida moderna – fez com que praticamente todos os cursos de formação profissional atuais também atentassem para este fenômeno, por razões variadas. Os cursos das áreas tecnológicas dependem fortemente do acompanhamento das novas tendências eletrônicas para sua existência. As áreas biológicas, médicas e afins

também necessitam de ferramentas modernas para seu desenvolvimento. Os cursos de humanas dependem enormemente de pesquisas *on-line*, do conhecimento sobre as informações apresentadas na mídia, para acompanharem as tendências da sociedade, as questões econômicas mundiais e os conflitos humanos das mais diversas naturezas, etc. Nesse contexto, podemos facilmente identificar de forma generalizada que todos os cursos de formação profissional caminham intensamente para a contextualização dos meios midiáticos em seus currículos e para informatização em linhas gerais.

Nesse momento especificamente, limitar-nos-emos a tratar destas influências dos meios de comunicação de massa e da informatização, primeiramente nos cursos de formação de professores, para posteriormente adentrarmos à questão da formação de professores de Educação Física e as tecnologias comunicacionais.

Esta opção deve-se principalmente ao fato de que, de maneira geral, as questões que levaram à instrumentalização eletrônica nos cursos de formação de educadores, como, por exemplo:

- a) a investigação do discurso midiático de maneira crítica, visando à formação de sujeitos mais esclarecidos e autônomos (no que se refere às informações que são veiculadas neste meio);
- b) A preparação de professores para utilização dos recursos midiáticos como ferramentas pedagógicas;
- c) A adequação dos processos pedagógicos a esta nova realidade,

Estas e várias outras razões pertinentes ao âmbito educacional, também foram questões que motivaram a Educação Física, enquanto disciplina presente no universo escolar e educacional, a atentar-se para este assunto. Também não se pode perder de vista que a Educação Física, principalmente a partir da década de 80, voltou-se para as tendências educacionais críticas, que cultivam os questionamentos reconstitutivos e essenciais aos tempos modernos e pós-modernos, compreendendo este último termo como definido por Demo (1998, p. 09):

Sem favorecer modismos, entendemos por pós-moderno na esfera do conhecimento sobretudo alguns traços desconstrutivos e interdisciplinares da produção científica que colocam em xeque o legado cartesiano, as metanarrativas lógico-formais de europeus, os paradigmas dominantes do estilo positivista, sem, no entanto, preconizar novas epopéias metodológicas.

Assim, entendemos aqui que primeiramente tentar compreender a inserção de ferramentas comunicacionais nos cursos de formação de educadores, em vez de penetrar diretamente no espaço da Educação Física, torna-se uma estratégia metodológica adequada à efetivação deste trabalho, trazendo mais elementos teóricos e propiciando a contextualização mais fidedigna no que se refere aos objetivos desta pesquisa.

2.1.1 Tecnologias comunicacionais e a formação de educadores: a TV sob controle ou a TV no controle?

O grande avanço eletrônico do século XX permitiu o surgimento de novos meios de comunicação de massa, como o rádio, a televisão e, mais recentemente, a Internet. Estas novas formas de nos comunicarmos e de acessarmos as informações trouxeram consigo transformações radicais no cotidiano das pessoas, no mundo dos negócios, no acesso aos conhecimentos, na cultura, enfim, em praticamente todas as atividades humanas. Atualmente, somos a civilização das comunicações sem fronteiras, da alta velocidade de dispersão de informações, do descontrole sobre a veiculação e disseminação de qualquer tipo de conteúdo injetado no meio social.

Neste contexto, um dos principais equipamentos eletrônicos presentes na vida de grande parte da população é a televisão. Ela tornou-se essencial na vida das pessoas, sendo atualmente o maior veículo de informação e entretenimento. A TV pode ser considerada, em nossos tempos, como diria McLuhan (1993), uma extensão do corpo humano, a extensão de nossa visão e audição. Para este autor as tecnologias e os meios modificam as faculdades humanas, e com a televisão não poderia ser diferente. Este utensílio transformou nossa percepção, nossas motivações, nosso modo de lidarmos com as novas informações.

Em nenhuma outra época, as pessoas tiveram acesso a tantas informações e em tão pouco tempo. Este bombardeio de informações a tal velocidade nos tornou pessoas hiperestimuladas desde que nascemos. Nossas capacidades perceptivas e até mesmo cognitivas são muito diferentes das de outras gerações. Já não temos tanta paciência para ler um livro, pois a velocidade e a complexidade para captarmos as mensagens de um livro são muito diferenciadas das competências para assimilarmos as mensagens e informações através de imagens. Não precisamos mais ler *O Senhor dos Anéis* ou *História Sem Fim*; basta-nos ir ao cinema, e com apenas duas horas já sentimos o sabor que levaria dias para se alcançar. Este fator é responsável pela mudança na forma de as gerações atuais lidarem

com os conhecimentos e com as novas informações, principalmente no espaço escolar. Existe um choque entre a maneira de se receber informações por meio da TV e por intermédio da escola. Na televisão, o ambiente é lúdico e muito mais atrativo; a complexidade para assimilar os conteúdos é menor, pois, para os comunicadores, a boa comunicação é aquela em que o telespectador recebe sem resistência, de maneira rápida e direta. Por outro lado, na escola, os conteúdos são transmitidos sem maiores relações com o universo apresentado na programação televisiva, numa linguagem muito mais lenta, exigindo maior esforço do aluno, pois as tarefas tendem a ser mais complexa do ponto de vista cognitivo. Enfim, as diferenças entres estes dois universos – escola e TV – colocam em evidência a necessidade de que a formação profissional dos educadores seja atrelada à realidade em que vivemos.

Não bastasse este argumento, é evidente que os meios de comunicação de massa operam uma formação tendenciosa nos sujeitos, distanciada das perspectivas mais modernas da educação, tais como aponta Demo (1998):

- a) Uma formação crítica em relação aos conteúdos, já que para as mídias o interessante é a adesão sem resistências, devido aos interesses comerciais que garantem a existência das mesmas.
- b) A formação de sujeitos autônomos. As redes televisivas seriam seriamente comprometidas ou modificadas perante a autonomia dos telespectadores em recusarem a programações imposta, mesmo sendo esta programação baseada na opinião publica, como ocorre. Pois sujeitos esclarecidos seriam capazes de alterar, por exemplo, a lógica simplista e de baixo tom de muitos programas.
- c) A fomentação da capacidade reconstrutiva perante novos conhecimentos e novas informações. Esta qualidade apresenta-se reduzida pelos meios de comunicação, devido à simplificação da realidade apresentada e à ausência de debates ou pontos de vistas diferenciados.

Não se trata aqui de desprezar a TV, como se ela não pudesse oferecer possibilidades e qualidades outras, que propiciassem benefícios à sociedade. Acreditamos que os sujeitos não são passivos à ação destes meios de comunicação, e sim interagem com os mesmos. Trata-se de chamar a atenção para estes pontos equidistantes entre as entidades

educacionais e os meios de comunicações de massa. Afinal, é mister os educadores perceberem se, no que diz respeito à educação, a TV está *sob* controle ou *no* controle.

Frente à realidade trazida pela era da comunicação globalizada e de massa, a Educação passa também por um processo de apropriação das novas tecnologias, não somente as tomando como possíveis ferramentas para facilitação e otimização de seu fazer profissional, mas também como objeto de estudo e como conteúdo pertinente à ação pedagógica.

Assim, a Educação vem buscando acompanhar os avanços contemporâneos, adentrando na utilização de recursos tecnológicos para situar-se em relação à realidade, em especial nos cursos de formação de educadores. Porque os próprios educadores percebem que é necessário um preparo para compreenderem e dominarem minimamente esta nova linguagem, antes de atuarem nas escolas. Caso contrário, correm o risco de simplesmente utilizarem estes insumos de modo a reproduzir e/ou reforçar o quadro de analfabetismo em imagens que estamos vivemos.

O preparo para lidar com estes novos horizontes é de suma importância para que estes meios não se tornem somente mais uma ferramenta subutilizada na escola. Este fato pode ser evidenciado em inúmeras situações onde a TV e o vídeo são utilizados meramente como recursos de ensino para apoio à aula tradicional. O professor apresenta um vídeo em substituição a sua aula oral/expositiva tradicional, sem se dar conta que nesta situação nada, ou quase nada, foi modificado na postura tradicional de ensino, pois a TV apenas assumiu o lugar de transmissor de informações do professor e em nada se diferenciou da postura tecnicista à qual estamos acostumados. Apesar de quebrar a rotina da sala de aula, a utilização dessas tecnologias não garante a aprendizagem do aluno. Por isso, cada vez mais a formação dos educadores busca aprofundar-se na questão educacional existente nestes veículos. É preciso que os cursos de formação de educadores dêem conta de compreender a linguagem midiática, isto porque esta linguagem tornou-se a forma de comunicação hegemônica das novas gerações, e a escola nem sempre está preparada para lidar com este fato.

Demo (1998), no livro *Questões para Teleducação*, chama a atenção para um dos elementos que se faz presente nesta encruzilhada, a confusão entre *informar* e *formar*. Em si, toda mensagem televisiva é meramente informacional, isto porque a questão formativa é

algo intrínseco do sujeito. Somente se podem formar aqueles que exercem sobre si a autoformação, o exercício crítico de constituir-se alguém. As informações são necessárias à formação, mas são insumos.

No movimento escolar mais tradicional, o ato pedagógico, prestava-se somente a informar. Com isso, criamos hábitos tipicamente advindos do ensino e do treinamento. Esses hábitos nos colocam em situação pouco reflexiva quando precisamos elaborar novos conhecimentos, que, quase sempre são decorados. Como consequência, temos um movimento de autoformação também domesticador, que pode ser comparado ao tipo de telespectador que nos formamos. Esse telespectador (domesticado) interage com a TV de forma passiva, sem maiores desconfianças, é influenciável e, às vezes, até mesmo ingênuo. Em contrapartida, na pedagogia moderna, os especialistas buscam essencialmente propiciar situações educativas que priorizem a aprendizagem em detrimento ao decorar. As informações no âmbito educacional têm de ser dotadas de sentido e agregar aos sujeitos educandos contexto próprio, presença cultural e crítica.

Desta forma, destaca-se mais uma vez a importância de um preparo por parte dos professores para compreenderem o sentido educacional existente nos meios midiáticos. É preciso que os educadores exerçam com autonomia seu papel frente a estes meios para que não se tornem reprodutores das ideologias transpassadas através destes canais de comunicação. Aos educadores cabe estar preparados para utilizar estas novas tecnologias como insumos, tais como as informações. Nesse sentido, os professores seriam mediadores da aprendizagem através destas ferramentas, estando cientes de que a aprendizagem não decorre somente da informação dada pelos meios de comunicação, mas através do esforço reconstrutivo do aluno, mediado por situações que lhe possibilitem respostas críticas, a emergência do sujeito, a problematização da informação recebida e o confronto com outras informações que instiguem ao aprofundamento nestas informações, colocando-o como ator principal. Segundo Demo:

a informação é necessária para formação, mas é insumo. Todo processo formativo é, em primeiro lugar, **autoformativo**. O movimento de dentro para fora lhe é essencial. Não cabe ser expectador. Em segundo lugar, funda-se em consciência crítica reconstrutiva, passando necessariamente pelo esforço pessoal e coletivo de um sujeito, para fazer-se sujeito. É esta a razão crucial para dizer que a informática não seria, de si, educativa, pois oferece um insumo, uma instrumentação (DEMO, 1998, p. 27).

Outro fator que torna relevante o estudo e utilização das novas tecnologias de comunicação nos cursos de formação de educadores é que, para a Educação como área que lida com a ambiência humana, é mister o acompanhamento dos novos insumos eletrônicos/comunicacionais, porque estes trouxeram mudanças que não são opcionais, no sentido de não podermos apagá-las da história. Elas, de fato, tornaram-se parte da vida e da cultura de grande parcela da população, sendo, na contemporaneidade, hegemonicamente, os principais meios de comunicação cultural existentes.

Durante a trajetória histórica dos meios de comunicação de massa, estes artifícios moldaram demasiadamente toda sociedade, a começar pelo texto impresso, que gerou a necessidade da compreensão da cultura escrita em todas as classes sociais, do domínio gramatical, das capacidades de interpretação, entre várias outras. Igualmente ocorre nos dias atuais. Com a veiculação de informações televisivas, foi-nos possibilitado encontrar outras maneiras de interagir e de lidar com as informações. As gerações atuais desenvolveram diversas outras capacidades para interagir com a realidade, de modo diferente de outras épocas. Esta colocação pode ser evidenciada em Ferrés:

Quando no Ocidente a letra impressa era a forma de comunicação cultural hegemônica, havia milhões de analfabetos. Hoje em dia, quando a forma de comunicação cultural hegemônica é a imagem, solucionou-se quase totalmente o problema do analfabetismo, mas há grandes massas de analfabetos na imagem. (FERRÉS, 1996. p. 9) ⁶

Entre as mudanças históricas trazidas pelos meios de comunicação de massa, uma é bastante perceptível. Trata-se da multiplicação da estimulação visual e auditiva, alcançada principalmente pela linguagem americana cinematográfica e televisiva, da qual sofremos muita influência. Esta forma de linguagem caracteriza-se pelo grande número de cenas e pela enorme velocidade na troca de imagens, além de um ritmo acelerado de movimentação.

Este modelo de comunicação inegavelmente afetou nossa maneira de receber outras formas comunicacionais diferenciadas, mas nem por isso de menor qualidade. Isso pode ser percebido, como citado anteriormente, na impaciência de se ler um livro, ou mesmo na dificuldade de apreciar vídeos que tenham outro ritmo, como alguns filmes e documentários orientais ou europeus, rodados com cenas mais longas e mais demoradas,

⁶ Atualmente, com o advento e expansão da informatização, já há preocupações relativas ao que se poderia chamar analfabetismo digital ou exclusão digital.

com menos cortes. Normalmente julgamos essas produções “chatas” ou muito paradas, sem ação.

Deixamos de apreciar outros sabores, tão ou mais interessantes que os habituais, devido à incorporação mais ou menos inconsciente de um único modelo comunicacional. Um recente retrato desta realidade pode ser averiguado no filme *Dog Ville* do diretor Lars Von Trier, lançado em 2004. Apesar de esse filme ser norte americano, ele se passa em somente um cenário e num ritmo muito lento. Apresenta uma trama surpreendente e interessante e, mesmo tendo recebido alguns prêmios importantes de festivais renomados, como a Seleção Oficial de Cannes e a Seleção Oficial de Nova York, para muitos jovens pode não ser um filme atraente ou interessante, devido ao fato de não ser um filme “tradicional”.

No livro *Televisão e Educação*, é citada uma pesquisa realizada com aproximadamente 300 filmes comerciais dos anos 40 e 50 que mostra que a duração média de cada plano nestes filmes era de 12 a 15 segundos e que atualmente, nos desenhos japoneses, a duração média entre um plano e outro já é de 3,5 segundos (MATILLA apud FERRÉS, 1996). Estes dados comprovam o evidente aceleração na tela da TV, que é responsável pela hiperestimulação sensorial de nossa visão e audição.

Ferrés (1996) adverte ainda que a audição das novas gerações também está mais acostumada à hiperestimulação. Podemos verificar este fato observando que, cada vez mais, os jovens apresentam o hábito de ler ou estudar com a TV ligada ou ouvindo música. O silêncio para a leitura e os estudos, que antes propiciava uma maior concentração, parece não fazer tanto sentido para as mentes adaptadas a este novo mundo repleto de sons. Parece não ser possível imaginar as imagens evocadas por um texto sem se ter uma trilha sonora por trás. Tornou-se difícil concentrar-se em algo tão silencioso como os livros; há uma sensação de vazio. Mas basta ligar a TV ao lado, mesmo que sem assisti-la, mesmo que sem entender ao certo os sons que saem dela, para que nossa mente nos permita então desfrutar destes momentos que parecem monótonos, como estudar ou simplesmente ler.

Sem nos darmos conta, tornamo-nos cada vez mais incapazes de desligar essa “tela mágica” devido ao sucesso daqueles que planejam a nossa permanência na frente dela pelo máximo de tempo possível. Criamos mecanismos para tentar driblar esta realidade, e o controle remoto de certa forma nos ajuda; quando a programação está pouco atraente,

mudamos de canal. Mas a tecla de desligar ainda é a última opção. Quando entram os comerciais, mudamos de canal tentando evitar as inculcações para o consumismo, mas a TV também tem suas artimanhas: não bastando os horários comerciais, no interior dos próprios programas, agora também temos centenas de propagandas. Parece-nos que, embora tenhamos nossos mecanismos de fuga, em grande parte das vezes estes não atingem grandes proporções.

Ainda faltam muitos esclarecimentos sobre a linguagem midiática, suas possibilidades e limitações. Por estes motivos e muitos outros que não se esgotam aqui, cabe aos educadores estarem preparados para decifrar as diversas linguagens midiáticas, para exercer autonomia frente aos discursos midiáticos em pauta. Para tal, é preciso que se eduquem para a mídia, não permanecendo estáticos ou perdidos nesta nova etapa da ação pedagógica.

2.2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A EDUCAÇÃO COM A MÍDIA E PARA A MÍDIA.

Percebendo-se este contexto em que as áreas educacionais em geral se encontram, no qual os meios de comunicação de massa se tornaram objetos de estudo e de intervenção pedagógica indispensáveis à educação contemporânea, a Educação Física, enquanto área do conhecimento presente nos espaços de formação/educação, busca preparar-se para lidar com a educação para a mídia e com os recursos tecnológicos comunicacionais em suas intervenções pedagógicas. Primeiramente porque os conteúdos oriundos desta área, ou seja, da cultura de movimento⁷, também se encontram amplamente contemplados nos meios de comunicação de massa, estando, então, no bojo da problemática da mídia, educação e formação. Sobre esta questão, Pires (2002) argumenta que a cultura de movimento é o espaço onde a Educação Física se insere a fim de buscar seus conteúdos para suas intervenções pedagógicas e seus fazeres profissionais, surgindo aí um primeiro ponto de convergência entre o campo das comunicações de massa e o da Educação Física:

⁷ A expressão "cultura de movimento", adotada aqui, refere-se ao conceito expresso por Kunz (1994), advindo da categoria "mundo vivido" de Habermas, sendo este o espaço de significados humanos e sociais expressos no movimento humano ou no "movimentar-se".

É deste campo – da cultura de movimento – que a Educação Física recolhe e trata didaticamente as práticas e conhecimentos que, assim, são transformados em conteúdos programáticos de suas múltiplas intervenções profissionais. Diante destas constatações, parece lícito afirmar que, por via indireta, os meios de comunicação de massa vêm assumindo crescente importância na construção dos saberes/fazer da cultura de movimento e da cultura esportiva (PIRES, 2003. p. 19).

Por isso, conforme as idéias de Betti (2003), a utilização da TV nas aulas de educação Física escolar, na perspectiva de educação nas mídias e com as mídias, torna-se relevante, pensando-se uma educação física capaz de articular pedagogicamente as vivências dos sujeitos, as informações e conhecimentos que estes trazem e a reflexão acerca da cultura de movimento, relacionando estes três componentes criticamente com as informações trazidas pelas mídias.

Na atualidade, é importante para a Educação Física sua dedicação e atenção às questões que envolvem os conteúdos que lhes são pertinentes e que constituem seus objetos de atuação e reflexão, tais como as danças, as brincadeiras, as lutas, os jogos, a corporeidade, os esportes, enfim, toda gama de elementos culturais que compõem o “movimentar-se”⁸ humano e sua veiculação nas mídias. Porque, ao estarem nos meios de comunicação de massa, estes conteúdos estão expostos aos mesmos efeitos e riscos que outras práticas culturais sofrem ao serem enquadradas nos moldes midiáticos. A exemplo disso, podemos rapidamente listar, tal como no tópico anterior, algumas características deste enquadramento:

- a) A pouca profundidade no tratamento das informações referentes a elementos da cultura de movimento, geralmente realizado por pessoas não especializadas.
- b) A veiculação e sustentação de discursos duvidosos quanto a benefícios e malefícios da prática esportiva, vida ativa e sedentarismo, meios para obtenção de uma estética hegemônica, saúde e bem-estar, entre muitos outros.
- c) Modificação de regras e do tempo das partidas esportivas, a fim de adequá-las às grades de programação televisivas, que cumprem horários rígidos.
- d) Criação e ostentação de estereótipos de grupos distintos relacionados a determinados esportes como, por exemplo, *os lutadores de jiu-jitsu*, *os surfistas*, etc.
- e) Mercantilização das práticas esportivas.

⁸ Categoria referida por Kunz (2001), na qual o movimento humano, do ponto de vista antropológico, deve ser interpretado como um “diálogo entre o Homem e o Mundo” (p.174).

- f) Monopólio das práticas esportivas⁹ mais assistidas e mais lucrativas, com exposição exacerbada destas em detrimento dos demais esportes.

Estes e vários outros exemplos podem oferecer uma breve contextualização de algumas mudanças que os elementos da cultura de movimento e da cultura esportiva sofrem ao estarem na mídia. Não se trata de demonizar estes meios, mas sim de tratá-los com clareza e criticamente. Reconhecemos suas contribuições aos esportes e às demais práticas da cultura de movimento, através da divulgação de novas modalidades, da apresentação de novas informações (embora nem todas sejam confiáveis) e ainda, como revela Pires (2002), da oferta de recursos tecnológicos que ampliam nossa percepção sobre detalhes que ocorrem nos esportes, através de *replays*, *slow motion* (câmera lenta), dados estatísticos, computação gráfica, etc.

É mister ressaltar que, tal como na Pedagogia, a educação para a mídia no âmbito da Educação Física é extremamente relevante. Primeiro, para que não continuemos “parados no tempo”, tendo em vista que vivemos efetivamente na era da imagem e da informática, ambiente corriqueiro para as novas gerações e ainda ininteligível para a Educação Física. Segundo, porque os conteúdos da educação física se encontram fortemente enraizados nas programações televisivas e nos demais meios midiáticos, disponibilizando informações de todo tipo e relevância, criando mitos, revelando novidades, transfigurando os esportes e o que se sabe sobre eles.

Sendo assim, os meios de comunicação de massa, em especial o televisivo, devido ao seu maior acesso pela população em geral, se apresentam como terreno fértil para que os professores de Educação Física possam buscar elementos que possibilitem aos estudantes transcender, extrapolar o estado de formação reduzido quanto a assuntos da chamada cultura de movimento veiculados na mídia, na qual as informações sobre os esportes e outras práticas corporais apresentam-se fragmentadas. Abraham Moles (apud FERRÉS, 1996. p. 19-20) refere-se a esse fenômeno com o termo “cultura-mosaico”:

Enquanto a cultura tradicional era limitada em conhecimentos, mas organizada, coerente, estruturada, a cultura-mosaico caracteriza-se pela desordem, pela dispersão, pelo caos aleatório. (...) as informações são aparentemente desconexas, dispersas, dificilmente integráveis, às vezes contraditórias. Basta pensar, por exemplo, em informações sobre a crise econômica interrompidas

⁹ Este monopólio também é conhecido como “monocultura esportiva”, caracterizada no Brasil pela quase exclusividade do futebol nos espaços destinados aos esportes na mídia conforme indica Betti (2001).

por propagandas que incitam o consumo. Ou propagandas que divulgam a idéia de facilidade com que se consegue ser feliz, interrompidas por informações sobre as maiores tragédias da humanidade. A televisão favorece, assim, um tipo de conhecimento dispersivo, em compartimentos, sem contexto, incoerente. (...) A única coerência deve ser buscada no seio do próprio meio, na sua lógica interna.

Neste sentido é que voltamos a Demo (1998), esse autor que ressalta a importância do professor incentivar os sujeitos educandos a ultrapassar o nível meramente informacional presente em grande parte das matérias, reportagens e programas atuais, através da mediação do professor entre os conhecimentos trazidos pelos estudantes e os transmitidos pela mídia, sendo ele, o professor, responsável por oferecer subsídios para que os estudantes, através de esforço individual e coletivo consigam avançar em seus conhecimentos para além dos níveis de compreensão oferecidos somente pelos meios midiáticos. Porém os professores de Educação Física precisam estar preparados para tal desafio. Essa hipótese foi avaliada por Betti (2003) em sua pesquisa-ação com um grupo de professores de Educação Física dos ensinos fundamental e médio das cidades de Lençóis Paulista, Pederneiras e Macatuba, no Estado de São Paulo. Formou-se um grupo de estudos sobre televisão e Educação Física escolar, em que os professores tematizaram mídia e Educação Física e buscaram criar intervenções nesta perspectiva. Segundo Betti (2003, p. 109): **“avaliou-se como pré-requisito que o professor detenha conhecimentos sobre o processo de construção da linguagem televisiva (grifo meu) e que desenvolva ele próprio a capacidade de interpretação crítica das mensagens televisivas, para trabalhar essa linguagem com os alunos”**.

A formação de professores de Educação Física começa a dar os primeiros passos para a tematização e o domínio das relações entre Educação Física, esportes, comunicação e mídia. Nos cursos de formação de professores e profissionais da Educação Física do Brasil, ainda estamos “engatinhando”, porque são poucos os cursos de Educação Física que oferecem disciplinas ou outros espaços que possibilitem o estudo da interface Educação Física – mídia. No entanto, esta parece ser uma preocupação que vem ganhando espaço ao longo dos últimos anos em nosso país.

2.2.1 Estudos Midiáticos Em Educação Física: O Reconhecimento Pela Comunidade Científica.

Apesar de os estudos sobre mídia existirem desde a década de 20, surgidos inicialmente para pesquisar os efeitos e conseqüências da publicidade, ou ainda para criar

mecanismos de defesa contra eles (WOLF apud PIRES, 2003), no campo da Educação Física brasileira esta ainda é uma temática extremamente recente.

A partir principalmente da década de 90, é possível encontrar em revistas e anais da Educação Física publicações que abrangem a inter-relação mídia – Educação Física, sendo estas, até o ano de 1997, ainda muito escassas e dispersas. Este fato é certamente decorrente de esta temática ainda ser um tanto quanto emergente, mas também da inexistência de espaços específicos para esta discussão até o ano referido. Os poucos trabalhos produzidos neste período, em sua maioria, eram estudos precursores na área e desenvolvidos por pesquisadores e grupos isolados em algumas instituições.

Contudo, em 1997, foi criado o primeiro espaço formal para o debate científico e acadêmico relacionado ao tema Educação Física e mídia. Referimo-nos à criação do GTT2 (Grupo de Trabalho Temático) do CONBRACE (Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte), denominado “Educação Física, Comunicação e Mídia”. Trata-se de um momento de extrema relevância, por retratar o reconhecimento da comunidade científica sobre a importância da tematização da mídia na Educação Física.

Melhor contextualizando, no final da década de 70, é fundada no Brasil uma entidade científica relacionada a pesquisas voltadas para o fenômeno esportivo, denominada Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Este surgiu a partir de um diagnóstico da Educação Física/Desportos em nosso país, o qual apontou uma precariedade no âmbito da medicina esportiva, considerada até então uma das razões da deficiência da área. A partir de então, foram tomadas várias medidas para a elevação do nível de desenvolvimento científico da Educação Física/Ciência dos Esportes, tais como o incentivo à pós-graduação, o investimento em laboratórios de fisiologia do exercício e a criação do CBCE (BRACHT, 1998).

O CBCE voltava-se inicialmente ao fenômeno esportivo, em especial o desempenho esportivo do País no plano internacional. Em meados de 80, influenciada por diversos professores de Educação Física que se aproximaram da área pedagógica a partir de cursos de mestrado em Educação, a entidade passou por uma série de conflitos que culminaram com um rompimento com o paradigma científico adotado até então, e apontaram para posições antagônicas ao caminho político-ideológico vigente até este momento na instituição. Nessa época, o CBCE já era considerado a entidade científica mais importante

da área. Este novo direcionamento do CBCE provocou uma reorientação das pesquisas, voltado-as tendencialmente para as ciências sociais e humanas, relacionadas às problemáticas da Educação Física, em especial escolar.

O CBCE, entre outras medidas (como, por exemplo, a criação de uma revista científica), criou um espaço para o debate interdisciplinar no interior da área, abordando diversos temas da Educação Física e Ciências do Esporte. Trata-se do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, o CONBRACE. Segundo Bracht (1998), apesar de buscar um dialogo interdisciplinar, o CONBRACE, apresenta-se como “um palco de diálogos de surdos” (p. 17), porque, no congresso de 1995, realizado em Vitória, ES, cujo tema era justamente a interdisciplinaridade, a avaliação realizada pelos participantes apontou a incapacidade dos especialistas de pensarem conjuntamente. Nesse sentido, a estratégia elaborada para o X CONBRACE, em 1997, foi a criação de grupos temáticos de trabalho, os GTTs. Nesse contexto, entre os diversos campos delimitados pelos GTTs, foi que surgiu o primeiro espaço dedicado à conexão entre Educação Física e mídia, o GTT2 – Educação Física e Mídia¹⁰. Este fomenta, conforme sua ementa, “os estudos em Educação Física/Ciências do Esporte relacionados aos interesses e possibilidades de interação deste campo do conhecimento/intervenção com as diferentes mídias e tecnologias comunicacionais” (GTT2 – CONBRACE apud PIRES 2003).

Sobre as produções realizadas neste GTT, desde sua criação em 1997 até 2002, Pires (2003) aponta que, apesar de não terem aumentado quantitativamente, os estudos têm melhorado qualitativamente, aprofundando-se e diversificando-se quanto às bases metodológicas e conceituais utilizadas. Contudo, esta constatação vem-se modificando. Atualmente, os estudos de mídia e Educação Física apresentam, além do crescimento qualitativo apontado por Pires (2003), um crescimento também quantitativo, conforme revela Betti, coordenador do GTT2 desde 2003 (entrevista pessoal, 2005). Segundo este autor, de 2001 para 2003, houve um aumento de 50% no número de trabalhos aprovados para o GTT2 – Comunicação e Mídia do CONBRACE. Em 2001, foram aprovados para apresentação 20 trabalhos, enquanto que em 2003, este número chegou a 30 trabalhos aprovados, entre comunicações orais e pôsteres. No CONBRACE de 2005, esta perspectiva de aumento deve continuar pois, apesar de ainda não ter sido fechado o balanço da quantia

¹⁰ O GTT2 –Educação Física e Mídia teve sua denominação alterada sendo atualmente referido por GTT2 – Comunicação e Mídia.

total de trabalhos aprovados, as inscrições para o GTT2 chegaram ao número de 49, mostrando um aumento significativo em relação ao ano anterior.

Estes dados indicam que, apesar do pouco tempo da existência do GTT, este vem-se consolidando perante a comunidade acadêmica e científica, comprovando que os estudos no campo midiático em Educação Física são uma preocupação atual na constituição do campo de conhecimento e na formação de novos e antigos profissionais da área.

Outro fator relevante que nos indica a consolidação de espaços formais para o debate científico a respeito das mídias e elementos da Educação Física refere-se ao fato de que, no mesmo período do surgimento do GTT – Educação Física e Mídia do CBCE, fora da área da Educação Física também surge outro espaço destinado aos estudos relacionados à interface esporte – mídia. Trata-se do NP (Núcleo de Pesquisa) Mídia e Esporte da INTERCOM – Sociedade Interdisciplinar de Estudos de Comunicação.

Deste modo, podemos perceber que os estudos sobre o campo da Educação Física e os meios de comunicação de massa vêm sendo tratados não mais em espaços isolados, ocupando seu lugar juntamente à comunidade científica brasileira, seja nos espaços delimitados à Educação Física, como o CBCE, ou no âmbito de outras áreas do conhecimento, como a Comunicação Social, por intermédio da INTERCOM. Coloca-se, portanto, em evidência a importância da problematização deste tema sob os mais diferenciados olhares, sejam eles educacionais, antropológicos ou políticos, consolidando assim o reconhecimento da ciência neste campo de pesquisa.

2.2.2 A Produção De Audiovisuais Como Ferramentas Metodológicas Para A Educação Para Mídia Em Educação Física

*Dominar a linguagem da televisão
para não ser dominado por ela..*

*Perceber os truques da telinha,
compreender suas técnicas de persuasão,
demonstrar sua magia para ver como funciona.(...)*

(Propostas do programa “Formação do Telespectador”.

BELLONI, 2001, p. 68.)

No cenário atual em que a Educação Física se encontra em relação aos estudos e pesquisas referentes à temática Mídia e Comunicação, podemos observar que, na literatura existente da área, ainda são escassas as publicações que relatem experiências práticas envolvendo ações pedagógicas concretas relacionadas ao tema mídia, ou utilizando os meios de comunicação de massa nas aulas de Educação Física escolar. Esta também foi uma constatação apontada por Pires (2003) em seu texto *A pesquisa em Educação Física e Mídia nas Ciências do Esporte: um possível “estado atual da arte”*¹¹. Isto se deve talvez ao fato desta linha de pesquisa ainda ser muito recente para a área. No entanto, o debate teórico a respeito das possibilidades de intervenções pedagógicas para uma educação para a mídia, pela Educação Física, aponta como uma das soluções possíveis a produção de materiais audiovisuais nas aulas de Educação Física como ferramenta pedagógica.

A produção de audiovisuais pode se apresentar como um recurso interessante para educação para a mídia em Educação Física, por trazer consigo novos horizontes à perspectiva formativa contemporânea. Primeiro, por possibilitar aos professores a modernização do ensino, ao trabalharem com estas novas linguagens comunicacionais, já que vivemos efetivamente na era da informática e da comunicação globalizada. Nesse sentido, o professor de Educação Física que se propõe a tratar de conteúdos veiculados nas mídias relativos a esportes, danças, lutas ou outros, a partir de recursos audiovisuais produzidos por ele próprio ou pelos alunos, está, sobretudo, aproximando-se da linguagem das novas gerações, já que estas, passam grande parte do tempo em frente à televisão, aos computadores e aos videogames, estando intimamente habituadas a estas formas de comunicação que se confrontam com os meios tradicionais de ensino. Segundo Belloni (2001, p. 69), “o avanço tecnológico no campo das comunicações torna indispensável e urgente que a escola integre esta nova linguagem audiovisual – que é a linguagem das novas gerações – sob pena de perder o contato com as novas gerações”.

É preciso que o professor de Educação Física supere os modelos tradicionais de ensino e se arrisque em novas perspectivas. Mas precisa tomar o devido cuidado para não se deixar levar pelo deslumbramento oferecido por estas novas tecnologias, que pode

¹¹ *Revista Movimento*. Porto Alegre, v.9, n.1, p. 09-22, 2003.

colocá-lo num estado de entrega passional a estes recursos, sem o desenvolvimento de uma percepção crítica e da consciência do uso autônomo de tais ferramentas para fins educacionais e não meramente informacionais. Precisa cuidar para não se tornar, nas palavras de Umberto Eco, um “integrado”¹².

Os audiovisuais, em especial o vídeo, são ferramentas que estão à disposição dos alunos, mas não no sentido educacional. Esses meios de comunicação estão presentes na vida dos jovens, na maioria das vezes, por entretenimento, ou ainda por questões de informação, que isoladamente não podem ser consideradas educacionais. É o caso, por exemplo, de vídeos-documentários, que, num primeiro momento podem parecer muito educativos, porém, em boa parte dos casos, não passam dos princípios informativos, afinal, para que esses se tornem educativos é necessário refletir, confrontar idéias, a mediação do professor, etc. Quem torna o vídeo educativo é o professor, pois, por si só, o vídeo é apenas instrutivo (DEMO, 1998).

Sendo claro que o vídeo permeia a vida de jovens e crianças, fica evidente que este recurso, assim como os demais meios de comunicação de massa, ao se tornarem populares, geram novas formas de apreensão mediada da realidade e devem ser apropriados pelo sistema educacional e pela Educação Física, como indica Pires (2002). Significa dizer que os professores devem se apropriar desta nova forma de apreensão da realidade, que faz parte da cultura dos estudantes, utilizando-se com autonomia desses recursos técnicos para ir além das práticas meramente instrucionais, típicas do chamado tecnicismo. Desta maneira, a produção de materiais audiovisuais nas escolas, tanto por parte dos professores de Educação Física como pelos alunos, numa perspectiva educacional trataria então de *mediatizar* os conteúdos abordados na escola, o que, segundo Blandin, significa:

codificar as mensagens pedagógicas, traduzindo-as sob diversas formas, segundo o meio técnico escolhido (por exemplo, um documento impresso, um programa informático didático, ou um videograma), respeitando as “regras da arte”, isto é, as características técnicas e as peculiaridades de discursos dos meios técnicos (BLANDIN apud BELLONI, 2001. p. 26).

Nesse contexto, podemos dizer que a produção de audiovisuais por professores de Educação Física se instaura como um importante conhecimento para uma ação pedagógica

¹² A expressão “integrado”, utilizada por Eco (1990) em seu livro *Apocalípticos e Integrados*, refere-se à adesão ingênua e sem maiores críticas às novas tecnologias por parte de alguns professores, permanecendo estes aprisionados a práticas meramente instrucionais, típicas do tecnicismo.

que realmente possa ser denominada educativa em relação à educação para a mídia. Principalmente porque permite ao professor mediatizar os conteúdos abordados, traduzindo-os para o formato do vídeo, o que, por si só, garante uma maior atração para as novas gerações. Assim, esses vídeos, por não estarem à mercê de objetivos mercadológico, podem ter suas dimensões formativas e educacionais potencializadas, reunindo, como propõe Demo (1998), as dimensões lúdica e atrativa (que são próprias destes meios), e ao mesmo tempo, as dimensões formativas, sendo que o próprio discurso deste meio de comunicação pode ser objeto de reflexão crítica.

Desta forma, a produção de materiais audiovisuais por professores de Educação Física pode ser justificada por uma premissa básica: a confecção de material audiovisual permite a racionalização e compreensão dos meios técnicos de produção das imagens.

2.2.3 O Vídeo Como Possibilidade Da Construção De Novos Saberes A Respeito Da Composição Das Imagens Na Contemporaneidade.

A produção de vídeos por professores de Educação Física pode representar uma experiência de valor inestimável quanto a suas perspectivas formativas e educacionais no caminho de uma formação para a mídia. Primeiramente porque, ao participarem da produção e edição de vídeos tomam contato com o corte, a distorção, a sobreposição e substituição de imagens, entre outras técnicas. Isso lhes permite compreender os procedimentos utilizados para tornar a linguagem imagética em produto audiovisual atraente e compreensível. Neste contato com estas tecnologias e com o modo de operação das mesmas, gera-se um estranhamento quanto aos produtos que são veiculados nos meios de comunicação de massa, sendo este estado um primeiro passo para uma abordagem mais crítica frente às informações midiáticas. Entretanto, é preciso tomar cuidado para que esta prática não seja destituída do viés educativo e crítico, devido ao encantamento oferecido pelas possibilidades tecnológicas, conforme referido no tópico anterior deste trabalho. Ou seja, a produção de vídeos, para não se perder perante este deslumbramento típico do primeiro contato com essas tecnologias, deve ser construída sobre a base de um roteiro previamente produzido pelos professores, elaborado a partir de estudos e pesquisas prévias, debates e objetivos pedagógicos bem definidos.

Se é fundamental reconhecer a importância das tecnologias de informação e comunicação e a urgência de criar conhecimentos e mecanismos que possibilitem sua integração à educação, é também preciso evitar o “deslumbramento” que tende a levar ao uso mais ou menos indiscriminado

da tecnologia por si e em si, mais por suas virtualidade técnicas do que por sua virtudes pedagógicas. (BELLONI, 2001, p. 24)

Espera-se, neste sentido, não que o professor de Educação Física detenha conhecimentos técnicos de operação das tecnologias de edição e produção de vídeos, já que esta não é uma competência específica deste profissional, mas sim que detenha conhecimentos e experiências sobre a forma de produção destes materiais audiovisuais e a que efeitos estes estão submetidos, pois estes conhecimentos são responsáveis pela racionalização dos meios e técnicas que constituem as imagens a que assistimos no cotidiano. Assim, este contato com a forma de produção de vídeos pode ofertar a compreensão das possibilidades e limitações da utilização de recursos audiovisuais para uma perspectiva que ultrapasse os níveis de compreensão facilitados – e por isso mesmo superficiais – oferecidos pelos meios de comunicação de massa.

Vale ressaltar que a produção de vídeos por professores de Educação Física é apontada aqui primeiramente como um elemento de formação deste professor, para que este conheça os meios de produção tecnológica dos audiovisuais mais profundamente e seja capaz de compreendê-los mais criticamente, tornando-se assim mais bem preparado para intervir na realidade sobre os conteúdos veiculados nos meios midiáticos. Essa produção deve, então, ser realizada, sobretudo nos espaços de formação acadêmica destes professores. Tal preocupação pode ser justificada primeiramente pelo fato de que a educação para mídia em Educação Física ainda é um campo muito recente e, por isso, grande parte dos professores em atuação não estariam preparados para lidar com estas tecnologias nas perspectivas mencionadas, colocando esta prática em risco de ser “integrada” (no sentido empregado por Umberto Eco) meramente em substituição as aulas tradicionais, ou seja, utilizada para instrução motora, reforço da idéia de que padrões de movimento humano encontrados no esporte de alto nível sejam o modelo a ser adotado, reforço da hegemonia esportiva na cultura de movimento, etc. Esses conteúdos não remetem a um conceito de educação mais ampla na Educação Física escolar contemporânea e tampouco para uma educação para a mídia, já que estes exemplos citados reforçam o discurso tradicionalmente encontrado nos meios de comunicação de massa sobre a cultura de movimento ao invés de tratá-lo criticamente.

Assim, o espaço para este encontro com a produção de materiais didáticos-educativos em vídeo deve, a princípio, ser uma atividade vivenciada nos espaços de formação acadêmica, como pressupõe a corrente latino-americana dos estudos sobre a mídia, que indica uma interação entre os campos da comunicação e da educação, encontrando sua tendência educacional no interior da pedagogia da comunicação.

A produção de vídeos nestes espaços propicia inicialmente uma ampliação das possibilidades de linguagem utilizada na confecção de trabalhos científicos, que são exclusivamente realizados através de texto escrito. Nesses espaços também são mais propícios o desenvolvimento de pesquisas prévias e a obtenção de conhecimentos necessários para a produção de um material que realmente atenda as necessidades educacionais. Isso possibilita a este professor em formação consolidar novos conhecimentos que lhe orientem na produção e análise de outros materiais videológicos, permitindo, por exemplo, superar certas dificuldades apontadas por Batista e Betti (2005) levantadas por professores de Educação Física que se propuseram a tematizar mídia em suas aulas. O autor aponta que os professores em questão tiveram dificuldades em localizar vídeos adequados para um programa de Educação Física escolar ou ainda em achar programas na TV aberta que pudessem ser gravados para a realização da tarefa. Neste ponto, o professor que em sua formação contasse com a aproximação de conhecimentos sobre a produção de materiais audiovisuais poderia ter mais facilidade para a obtenção de tais vídeos, mesmo porque, ao se ver impossibilitado de achar materiais prontos na TV para gravar, poderia construir um vídeo alternativo, ou seja, um material contendo o conteúdo necessário para a reflexão proposta, produzido a partir de dois vídeos cassetes, de maneira artesanal e com baixo custo, a partir de filmagens próprias e dos alunos; ou, não havendo filmadora, a partir de fragmentos de vários outros vídeos, programas televisivos, entre outros.

Este exemplo ilustra ainda que o conhecimento sobre a produção de vídeos possibilita aos professores de Educação Física uma autonomia para a elaboração de materiais alternativos a serem utilizados nas escolas, evidenciando que a produção de vídeos no processo formativo dos professores de Educação Física constitui uma prática relevante para a efetivação de novos saberes para a realização de uma Educação Física atrelada à educação para a mídia.

3. LEVANTAMENTO DOS ARQUIVOS DO LABOMÍDIA PARA A CONSTITUIÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS.

Neste capítulo, descrevemos o desenho metodológico traçado para a viabilização deste trabalho. Desta maneira, começamos por apresentar o campo desta pesquisa, o LaboMídia – Laboratório de Mídia do CDS – o mais novo laboratório do CDS/UFSC, sendo este um dos principais focos desta pesquisa.

Conforme escrito no capítulo introdutório deste trabalho, nossa intenção é investigar os significados atribuídos à produção de recursos audiovisuais para a formação acadêmica e profissional da comunidade do CDS. Porém para tal desafio, faz-se necessário um diálogo com aqueles que, de maneira mais significativa, utilizaram este espaço. Nesse contexto é que uma de nossas questões norteadoras se faz pertinente: Quais as pessoas, entre

graduandos, pós-graduandos e professores do CDS, que utilizaram de maneira mais significativa o LaboMídia?

Esta questão de cunho metodológico nos orientou na direção de constituir uma amostra para esta pesquisa. Entendemos então que este laboratório constitui-se como a fonte de tais dados. Sendo assim, iniciamos nossa pesquisa de campo realizando uma análise quantitativa do arquivo de vídeos produzidos neste laboratório, para que fosse possível identificar os sujeitos de nossa pesquisa, ou seja, as pessoas que com maior frequência utilizaram este espaço. Identificados os sujeitos que mais significativamente utilizaram o LaboMídia, estes foram agrupados em grupos focais para a coleta dos dados.

Isto posto, seguimos neste capítulo, então:

- a) inicialmente pela apresentação do campo da pesquisa;
- b) em seguida, descrevendo o procedimento de investigação dos vídeos produzidos no laboratório de mídia e os dados revelados pelo campo;
- c) depois, detalhando a formação e organização da amostra que compôs o trabalho (formação dos grupos focais)
- d) e por fim, apresentando o procedimento de análise dos dados coletados pela pesquisa.

3.1. ABRINDO AS PORTAS DO LABOMÍDIA: UMA BREVE APRESENTAÇÃO

No ano de 2003, no Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, foi criado um espaço para a aproximação de docentes e acadêmicos às novas linguagens comunicacionais e midiáticas, através da criação de um Laboratório que permitisse o estudo dos veículos de massa e a produção de materiais audiovisuais próprios. É necessário registrarmos que este laboratório foi viabilizado graças ao apoio institucional, que disponibilizou verbas para a compra dos equipamentos, através do FUNGRAD¹³ e

¹³ Fundo de Apoio Institucional ao Ensino de Graduação da UFSC.

também por contribuições pessoais, como é o caso do prof. Dr. Fernando Crocomo do curso de Jornalismo da UFSC, que auxiliou através de consultoria, indicando e especificando os materiais necessários, auxílio na instalação da ilha de edição do CDS, viabilizando o treinamento do bolsista estagiário do CDS junto ao Laboratório de Telejornalismo do curso de Jornalismo da UFSC, etc.

Inicialmente o espaço do laboratório foi instalado junto ao NEPEF (Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física), sendo considerado uma extensão do mesmo.

Nestas circunstâncias, o laboratório foi denominado de “Laboratório de Apoio Pedagógico - setor de produções de vídeo” permanecendo por aproximadamente um ano nesta condição. Junto ao laboratório foi instalada uma ilha de edição não-linear para a viabilizar a produção de vídeos, além de equipamentos, como, câmera filmadora, vídeo cassete, etc. Todos adquiridos com verba disponibilizada pelo FUNGRAD. O laboratório pôde contar ainda, com a participação de um bolsista do curso de Educação Física, capacitado junto a faculdade de Jornalismo da UFSC, para estagiar como monitor no mesmo.

O laboratório tinha como objetivos iniciais (PIRES, MENDES, 2003):

- a) Dotar o CDS e o curso de Educação Física de laboratório didático para estudos pedagógicos.
- b) Aproximar docentes e acadêmicos às novas tecnologias informacionais como recurso didático.
- c) Proporcionar aos docentes recursos audiovisuais para o ensino, a partir da pesquisa e extensão desenvolvidas no CDS.
- d) Favorecer o uso ampliado das novas linguagens midiáticas sobre o sentido comunicativo da cultura de movimento.

Consolidado o espaço do Laboratório, surgiram as primeiras produções. A primeira edição tratou-se de um vídeo que apresentava questões reflexivas sobre o modelo científico tradicional e a produção de conhecimentos, produzido por um grupo de 5 alunos do mestrado. Na sequência, foram realizadas edições de registros das práticas de ensino do curso de Educação Física da UFSC e trabalhos acadêmicos em vídeo sobre diversos assuntos da Educação Física como, por exemplo, saúde, esportes, educação física escolar e infantil, formação profissional, etc.

No ano seguinte, em 2004, com a construção de um novo prédio no CDS, a direção do Centro disponibilizou um espaço independente do NEPEF para o Laboratório de Apoio Pedagógico. Com a ocupação deste espaço, este Laboratório passou a ser denominado LaboMídia, possuindo agora uma identidade própria. Ainda neste período, o LaboMídia foi contemplado com a entrada de um servidor técnico administrativo especializado em edição e com o melhoramento dos instrumentos de edição, como a troca do soft ware de edição por outro mais moderno e atualizado, aumento do espaço e da capacidade de memória do computador de edição, aquisição de mais uma filmadora digital e microfone além de mais uma tv e dois vídeos cassetes (PIRES, NEVES, MENDES, 2004).

Desde então o LaboMídia vem funcionando em período integral, tendo uma produção significativa e regular de vídeos didático-educativos, registros de eventos e outros, sendo utilizado por graduandos, pós-graduandos e professores do Centro de Desportos, além de oferecer monitoria sobre o uso da filmadora e dos procedimentos de edição e elaboração de trabalhos em vídeo, sem quaisquer custos pela utilização de seus serviços. O laboratório atualmente dispõe ainda de um arquivo composto por 35 vídeos de produção realizados em seu ambiente por acadêmicos, pós-graduados e professores. A relação de todos estes vídeos consta no final deste trabalho conforme o ANEXO II.

Contudo o espaço do LaboMídia tem em suas perspectivas, não somente prestar-se como laboratório de apoio para produções técnicas, mas também de servir como espaço para **formação** de futuros professores de Educação Física críticos em relação aos meios de produção das informações por parte das mídias. Através das edições, o laboratório permite a seus usuários um olhar diferenciado sobre a confiabilidade dos discursos veiculados sobre os esportes na mídia, o que propicia um processo de aprendizagem no qual há inovação e reconstrução dos parâmetros de conhecimento que os sujeitos detinham sobre o tema, legitimando uma aprendizagem verdadeira.

Para aprender é mister desfazer (superar) estágios anteriores, passando a posteriores, num sentido evolutivo. Não é apenas um processo cumulativo, porque, se assim fosse, predominaria a repetição acumulada. Se há inovação de verdade na aprendizagem, há também desconstrução, não, porém, como imposição de fora ou de cima, mas como tática desconstrutiva dentro de uma estratégia de reconstrução integrada e integral. (DEMO 1998, pág. 137)

Isto porque, para produzirem seus vídeos, os usuários devem participar ativamente do processo de construção do mesmo, sendo instruídos sobre a elaboração de um roteiro prévio, processo de decupagem (seleção das imagens e sons que comporão o trabalho) e ainda devem acompanhar todo processo de edição, ficando totalmente cientes das possibilidades oferecidas pelos recursos tecnológicos que compõe as imagens televisivas na contemporaneidade.

O laboratório serve ainda, como espaço para estudos e experiências didáticas sobre temas da mídia relacionado a cultura de movimento, é dotado de uma mini biblioteca, e abriga atualmente o grupo de estudos Observatório da Mídia Esportiva, grupo este que é responsável hoje por uma produção regular de trabalhos acadêmicos referentes a esta temática.

Dessa forma o Laboratório de Mídia do CDS configura-se como um espaço para a produção de materiais audiovisuais alternativos além de contemplar a comunidade do curso de Educação Física com um ambiente para estudos sobre Mídia & Educação Física.

3.2. ANALISANDO A PRODUÇÃO DO LABOMÍDIA: “UM POSSÍVEL ESTADO ATUAL DA ARTE”

Conforme a proposta metodológica a que nos propusemos para este trabalho¹⁴, neste momento buscamos relatar o procedimento de análise dos vídeos que compõe o arquivo do LaboMídia, para a construção de uma matriz analítica que nos indique os possíveis sujeitos a serem entrevistados. É necessário, no entanto, esclarecermos que esta análise não se trata de uma análise de conteúdo dos vídeos, mas sim de uma análise quantitativa dos mesmos, buscando identificar:

- i) o numero total de vídeos produzidos por graduandos, pós-graduandos e professores do CDS no LaboMídia.
- ii) Quem são as pessoas que mais produziram vídeos entre graduandos, pós-graduandos e professores do CDS.

¹⁴ Ver o item 1.2. - Procedimentos Metodológicos - no capítulo 1 deste trabalho.

- iii) Quais as disciplinas contempladas com trabalhos em vídeo produzidos no LaboMídia.

Desta maneira tornou-se possível ter uma visão dos sujeitos e disciplinas que mais utilizaram o LaboMídia, além de identificar possíveis tendências e lacunas existentes na produção de materiais audiovisuais no curso de Educação Física UFSC.

O primeiro passo para esta análise foi à elaboração de um formulário que permitisse registrar os principais dados de interesse desta pesquisa quanto à produção dos vídeos. Assim, neste formulário foram registrados:

- a) Título do vídeo.
- b) O tempo de duração do Vídeo.
- c) Os autores e sua titulação (graduando, pós –graduando ou professor)
- d) A data da produção.
- e) Para qual disciplina foi produzido?
- f) A sinopse do vídeo.
- g) Observações gerais.

Posteriormente todos os vídeos foram assistidos e então fichados segundo este formulário de registro(ANEXO III).

Conforme citado anteriormente o LaboMídia possui atualmente em seu arquivo um total de 35 vídeos, estando a relação de todos eles disponível no ANEXO II deste trabalho. Abaixo seguem-se os dados empíricos oferecidos pela análise dos vídeos.

i) O Numero Total de Vídeos Produzidos por Graduandos, Pós-Graduandos e Professores do CDS no LaboMídia.

Pudemos observar que dos 35 vídeos, 89% destes foram produzidos por graduandos, pós-graduandos ou professores do CDS, sendo os 11% restante, produções de grupos específicos ou pessoas de outros centros. Estes foram caracterizados nos dados que apresentamos abaixo como “*Outros*”. Nestes 11% temos o grupo de estudos “Observatório da Mídia Esportiva” que atendeu a 50% destas produções.

Dos 35 vídeos assistidos, temos:

- *Graduação* - 20 vídeos = 57% da produção
- *Pós – graduação* - 9 vídeos = 26% da produção
- Professores - 2 vídeos = 6% da produção

TOTAL – 89% da produção

- *Outros* – 4 vídeos = 11% da produção

Sendo que destes 4 vídeos, 2 foram produzidos pelo grupo Observatório da Mídia Esportiva e os outros 2 foram produzidos por outras entidades ou por pessoas de outros centros.

ii) Graduandos, Pós-graduandos e Professores do CDS que Mais Produziram Vídeos

A análise do arquivo permitiu-nos chegar aos nomes dos autores que mais utilizaram o espaço do LaboMídia para produção de materiais audiovisuais, sendo que, na graduação não houve nenhum aluno que tenha utilizado com grande frequência o laboratório, havendo no máximo autores com duas produções.

Na pós-graduação pudemos observar três usuários com um numero relevante de produções, sendo que, o autor com maior numero de vídeos da pós-graduação representa a autoria de aproximadamente 17% da produção total e os três usuários juntos à autoria de 40% da produção total de vídeos do LaboMídia. Notou-se ainda que estes três pós-graduandos pertencem ao grupo de estudos Observatório da Mídia Esportiva.

Quanto aos professores, constatamos 2 professores que produziram vídeos no laboratório, cada um com a produção de um vídeo.

iii) Disciplinas Contempladas com Trabalhos em Vídeo Produzidos no LaboMídia.

Constatamos que oito disciplinas foram contempladas com algum trabalho em vídeo produzido no LaboMídia por alunos da graduação ou pós-graduação, enquanto os vídeos dos professores não foram produzidos especificamente para suas disciplinas. Observamos ainda, que as disciplinas com o maior número de vídeos são: “Prática de Ensino em Educação Física”, “Estrutura e Funcionamento de 1º e 2º grau”, “Emergências em Ed. Física” e “Educação Física, Esporte e Mídia” respectivamente.

Vejamos a relação das disciplinas que contaram com vídeos do LaboMídia:

- Prática de Ensino em Educação Física – 7 vídeos
- Estrutura e Funcionamento de 1º e 2º grau – 3 vídeos
- Educação Física, Esporte e Mídia – 2 vídeos
- Emergências em Educação Física – 2 vídeos
- Psicologia do Ensino – 1 vídeo
- Fundamentos Humanísticos – 1 vídeo
- Futebol – 1 vídeo
- Adm. e Org. no Esporte e na Ed. Física – 1 vídeo

3.3 TRANSFORMANDO NÚMEROS EM FATOS: A COMPOSIÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS.

A partir dessa análise quantitativa dos vídeos do LaboMídia pudemos chegar aos sujeitos e disciplinas que mais se utilizaram do laboratório, tornando possível então, a constituição de uma amostra que nos permitisse uma coleta de dados fidedigna na investigação dos significados atribuídos a produção de vídeos no curso de Educação Física UFSC.

Inicialmente é necessário deixarmos claro que a constituição de nossa amostra não se deu aleatoriamente, pois os sujeitos que compuseram a amostra dessa pesquisa foram

selecionados a partir do levantamento de dados coletados nos vídeos do arquivo do LaboMídia. Ou seja, nossa amostra é intencional e não aleatória.

Dessa maneira foram selecionados para compor os grupos focais representantes da graduação, pós-graduação e professores do curso de Educação Física que tivessem produzido trabalhos audiovisuais no laboratório de mídia do CDS. Ao todo foram constituídos dois grupos focais.

Da graduação foram selecionados para compor os grupos focais três acadêmicos. O primeiro acadêmico escolhido foi selecionado pelo fator “número de produções”, ou seja, seria escolhido o acadêmico que tivesse o maior numero de vídeos produzidos no laboratório. Contudo, conforme relatado nos itens i e ii do tópico anterior, a graduação embora seja responsável por 57% de todos os vídeos do arquivo do LaboMídia, no que se refere ao número de autorias, não encontramos acadêmicos com mais de dois vídeos produzidos, sendo assim, selecionamos para compor nossa amostra um desses acadêmicos que possuía duas produções.

Os outros dois acadêmicos foram escolhidos pelo fator “abrangência”, ou seja, foram selecionados a partir das áreas, ou disciplinas com maior numero de vídeos atribuídos a estas. Embora à disciplina com maior numero de produções fosse a disciplina “Prática de Ensino em Educação Física”, não conseguimos nenhum acadêmico dessa disciplina. Isto porque esta disciplina esta situada nas fases finais do curso (6º e 7º fase) e por isso grande parte dos acadêmicos dessa disciplina já estão formados, ou estão se formando, inclusive os autores dos vídeos, dificultando o acesso a estes. Assim selecionamos um acadêmico que realizou um vídeo para a disciplina “Emergências em Educação Física” e outro que produziu para a disciplina “Educação Física, Esporte e Mídia”, ambas disciplinas apontadas pelo levantamento de dados do arquivo LaboMídia, conforme o item iii do tópico anterior.

Da pós-graduação foram selecionados dois representantes pelo fator “numero de produções”, ou seja, foram escolhidos os dois pós-graduandos que apresentaram o maior numero de autorias nos vídeos do arquivo do LaboMídia. Entre estes, destaca-se, que um desses representantes produziu vídeos com alunos de uma escola pública da rede municipal da cidade de Florianópolis como pesquisa para elaboração de sua tese de mestrado, além de produzir outro vídeo para a defesa desta mesma tese. Contudo, o pós-graduando com maior

numero de produções não pode participar dos grupos focais, tendo sido entrevistado, via internet (*Email*), separadamente dos grupos focais, a partir das mesmas questões que foram utilizadas nos grupos focais. Neste contexto, foi necessário chamar um terceiro pós-graduando, também apontado pelo nosso levantamento dos vídeos, para compor o segundo grupo focal.

Entre os professores somente dois foram apontados pelo levantamento dos dados como autores de vídeos, sendo então, ambos incluídos nos grupos focais.

A partir da seleção e identificação dos sujeitos da pesquisa, estes foram divididos em dois grupos focais, sendo que em cada um destes grupos focais deveria haver ao menos um representante da graduação, um da pós-graduação e um professor, contemplando assim, em cada grupo focal, os sentidos e significados das produções de vídeos, nestas três instancias do curso de Educação Física UFSC. Deste modo os grupos focais foram divididos da seguinte forma:

1º grupo – 1 acadêmico da graduação	2º grupo – 2 acadêmicos da graduação
1 pós-graduando	1 pós-graduando
1 professor	1 professor

Posteriormente estes grupos focais foram realizados a partir de um roteiro semi-estruturado previamente elaborado (ANEXO I), contendo nove questões abertas, acerca das produções de vídeos e seus significados em relação a formação acadêmica e/ou profissional. Estas entrevistas foram gravadas com a utilização de gravador e posteriormente transcritas para análise. Conforme relatado no tópico 1.2. deste trabalho, este mesmo roteiro semi-estruturado, contendo as mesmas questões, foi também enviado por *Email* para um pós-graduando separadamente dos grupos focais. As respostas deste pós-graduando foram anexadas as demais transcrições dos grupos focais para análise.

3.3.1 Procedimentos Para Análise Dos Dados De Campo.

O instrumento metodológico adotado para a interpretação do material resultado dos grupos focais foi a *análise de conteúdo*, isto porque este tipo de análise permite ao

pesquisador o emprego de técnicas e normas formais de análise, que atribuem confiabilidade e validade ao conteúdo de material verbal, seja ele escrito ou oral, sendo possível identificar determinadas características deste material como, por exemplo, opiniões, avaliações e representações sociais atribuídas aos fenômenos analisados.

Bardin define a *análise de conteúdo* como:

Conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (várias inferidas) das mensagens. (BARDIN apud TRIVIÑOS, 1987. p 160)

Esta definição nos sugere que este procedimento metodológico seja uma ferramenta adequada para o desvelar desta pesquisa, na medida em que, conforme destaca a autora, esta técnica permite a inferência de conhecimentos sobre a mensagem que os sujeitos da pesquisa atribuíram à utilização do laboratório de mídia e as produções audiovisuais.

Segundo Gomes (s/d), “a análise de conteúdo é, também, um processo por meio do qual se transmitem significados e se produzem efeitos de uma pessoa a outra, principalmente nos meios de comunicação social”.(p. 16) e alguns dos propósitos específicos deste método consistem em descrever tendências no conteúdo da comunicação e identificar intenções dos comunicantes.

Pires (2002, p. 193) aponta ainda que nas definições de Bardin, um aspecto considerável refere-se ao fato da *análise de conteúdo* “se tratar de procedimentos descritivos sistemáticos e objetivos dos significados e significantes das mensagens”. Triviños (1987) segue na mesma direção indicando este método devido justamente ao fato deste prestar-se ao estudo de motivações, valores, crenças, atitudes, tendências e ainda ideologia que podem existir no conteúdo investigado e que, à simples vista, não se apresentam com a devida clareza. Estes elementos presentes na *análise de conteúdo* remetem-nos aos objetivos estipulados para esta pesquisa, ou seja, identificar nas transcrições dos grupos focais os significados atribuídos a produção de vídeos no âmbito da formação em Educação Física da UFSC. Assim vislumbramos que estes elementos apontados justificam nossa escolha por este tipo e análise.

Por fim é importante destacarmos então as etapas que compõe o procedimento de aplicabilidade do método. São elas: a *pré-análise*, a *descrição-analítica* e a *interpretação referencial*.

Cada uma destas etapas foi em síntese explicadas por Triviños (1987, p. 161-162), sendo a pré-análise considerada a organização inicial do material investigado, permitindo aos investigadores formular objetivos gerais da pesquisa, criar hipóteses e ainda especificar os campos no qual o pesquisador deve fixar sua atenção. A descrição analítica se refere ao trato do material submetido a um estudo aprofundado e orientado. E a interpretação referencial é o desvendamento do conteúdo latente que os documentos possuem, estabelecendo reflexões e inferências valorativas nas mensagens estudadas.

Compreendido as etapas que compõe a *análise de conteúdo*, faz se necessário explicitar algumas denominações conceituais presentes neste método, como por exemplo, as *unidades de registro*, *unidades de contexto* e a *categorização*, elementos fundamentais para a aplicação deste procedimento.

As unidades de registro, unidades de análise, ou ainda unidades de codificação são as palavras, frases, expressões ou temas mais recorrentes, ou que aparecem com maior frequência no material estudado. Estas são relevantes por indiciarem as primeiras pistas ao pesquisador, podendo indicar tendências nas falas ou mensagens analisadas. “Devem delimitar-se cuidadosamente as unidades em que se registram os resultados: uma frase é um exemplo de unidade. Outros exemplos de unidades são : uma palavra, o tema ...” (GOMES s/d, p. 17)

Contudo as unidades de registro por si só podem não oferecer subsídios suficientes para uma análise do conteúdo abordado. Estas exercem uma maior confiabilidade expressa dentro de um determinado contexto. Neste sentido é necessário que se identifique em que contexto as unidades de registro se apresentam, sendo necessário então, a identificação das unidades de contexto, ou unidades de significação. Estas podem ser frases, ou parágrafos inteiros que permitam aos pesquisadores situar o contexto em que sua unidade de registro se expressa.

Uma unidade demasiadamente pequena, tal como uma simples palavra, se isolará do contexto e perderá grande parte de sua significação. (...) A unidade de significação deve ser suficientemente

grande para suprir o significado, ao menos, por meio de algum contexto, mas suficientemente pequena para permitir objetividade em seu emprego. (GOMES s/d. p 32)

A categorização, ou as categorias de análise constitui um fator fundamental na análise de conteúdo, pois através delas é possível se visualizar e atribuir significação às características que são identificadas nas mensagens analisadas. Estas categorias são criadas a partir de unidades de registro e unidades de contexto que tenham inter-relação entre si. Desta forma um conjunto de unidades de registro e unidades de contexto que possuam características e significados em comum ou semelhante, constituem uma categoria de análise. Para Pires (2002) o processo de descrever sistematicamente as mensagens e a atribuição de significantes e significados a estas torna-se possível por meio da fragmentação da mensagem em categorias.

Contudo vale ressaltar que, conforme sugere Triviños (1987, p. 161) o emprego da *análise de conteúdo* será inútil caso o pesquisador não possua ampla clareza teórica sobre os referenciais que embasam o conteúdo a que se pretende investigar: “ não será possível a inferência se não dominarmos os conceitos básicos das teorias que, segundo nossa hipótese, estariam alimentando o conteúdo das mensagens”.

Assim, frente ao quadro teórico que nos orienta e as características desta pesquisa, acreditamos que este procedimento metodológico, a *análise de conteúdo*, contempla as perspectivas que se pretende alcançar no presente de estudo, atribuindo um maior rigor instrumental em nossa tarefa interpretativa em relação aos dados coletados.

4. **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: GRUPOS FOCAIS E ENTREVISTA.**

Os dados desta pesquisa foram coletados através da realização de dois grupos focais que foram gravados e de uma entrevista semi-estruturada com um pós-graduando realizada pela internet, conforme descrito no capítulo anterior. As gravações dos grupos focais foram transcritas na íntegra e reunidas com as respostas de nossa entrevista via internet para então realizar a *análise de conteúdo*.

Após a coleta e transcrição dos dados, estes foram submetidos a uma pré-análise. Desta maneira foi realizada uma primeira leitura de todo material para buscarmos identificar uma forma de organização que fosse coerente com a proposta de nossa pesquisa. Assim optamos por, num primeiro momento, analisar as falas dos sujeitos de acordo com cada questão do roteiro dos grupos focais e entrevista e também por níveis de formação dos sujeitos da pesquisa. Significa dizer que, as falas dos sujeitos foram analisadas em cada

uma das questões isoladamente e dentro de cada uma destas; ainda dividimos a análise das falas dos graduandos, pós-graduandos e professores, buscando sistematizar o conteúdo das respostas de cada um destes três grupos. Durante esta primeira análise foi possível identificarmos, de forma sucinta, os principais temas e questões levantados pelos sujeitos.

Concluída nossa pré-análise, procuramos então identificar as palavras, frases ou expressões mais recorrentes e que apareciam com maior frequência, ou seja, nossas unidades de registro. Após a identificação destas, foi necessário retornarmos a cada uma destas unidades de registro para identificarmos o contexto em que estas apareciam, uma vez que as unidades de registros fora de um contexto mais amplo tornam-se insuficientes para a compreensão dos significados atribuídos às mensagens dos sujeitos da pesquisa. Segundo Gomes (s/d, pág. 17) é necessário especificar o contexto: “pois nem sempre cabe determinar todo significado de uma unidade sem fazer referencia ao contexto”.

Após deixar evidente as unidades de registro e as unidades de contexto, passamos para a categorização dos dados. As unidades de registro foram reunidas em cinco agrupamentos categoriais para as análises. É mister ressaltar neste momento que não julgamos adequada a terminologia “categorias de análise” para o presente trabalho, uma vez que metodologicamente, as categorias têm características próprias e bem definidas, sendo estas capazes de contemplar exclusivamente todo significado que as unidades que as compõe detêm. Significa dizer que são fechadas em si próprias. Os termos que compõe uma determinada categoria devem expressar exatamente e unicamente o que a categoria determina, não explicitando margens, ou dúvidas que as tornem possíveis de contemplarem mais de uma categoria ao mesmo tempo. Sendo assim, cada categoria contém um significado único em si mesma. Frente a esta condição, preferimos denominar nossas “categorias” como agrupamentos categoriais, desvencilhando dessa forma qualquer risco de incoerência na tarefa de categorizar as falas dos sujeitos.

Os agrupamentos categoriais foram criados a partir dos temas mais recorrentes e de maior relevância para a identificação dos significados atribuídos ao uso dos recursos audiovisuais e do LaboMídia para a formação dos sujeitos da pesquisa, sendo que estes emergiram do campo, ou seja, das falas dos sujeitos. Neste contexto foram criados os seguintes agrupamentos:

- 1) Possibilidades Técnicas/Instrumentais

2) Vídeo: Linguagem & Conhecimento

3) Re-Formando o Olhar

O primeiro agrupamento categorial, *Possibilidades Técnicas/Instrumentais*, trata exatamente das falas que apontaram como a vivência de produção de vídeos possibilitou um conhecimento maior das possibilidades técnicas e instrumentais oferecidas pela tecnologia de edição ou mesmo de captura das imagens. Ou ainda, das falas que se referem ao vídeo somente como ferramenta, recurso material didático de apoio para as aulas ou outras necessidades.

O segundo agrupamento, *Vídeo: Linguagem & Conhecimento*, se refere a contextos que atribuíram à produção de vídeos, um caráter comunicacional, de uma diferente forma de linguagem, ou ainda, como uma nova forma de produção de conhecimento.

Re-formando o Olhar, nosso terceiro agrupamento categorial, estende-se para uma questão formativa dos sujeitos, não só como professores de Educação Física mas também como cidadãos. Isto porque este agrupamento trata de questões apontadas pelos sujeitos da pesquisa sobre uma possível modificação na maneira de olharem os meios midiáticos.

Visto resumidamente a que se refere cada um de nossos agrupamentos categoriais, nosso próximo passo é apresentar e discutir mais amplamente cada um destes agrupamentos, atribuindo-lhes visão crítica e um tratamento mais qualitativo.

4.1 POSSIBILIDADES TÉCNICAS/INSTRUMENTAIS.

A análise das falas dos sujeitos de nossa pesquisa nos indicou que a vivência da produção de vídeos e o contato com o LaboMídia permitiram a eles uma maior aproximação e um maior conhecimento sobre os recursos oferecidos pela tecnologia para a construção de imagens. Assim, procuramos tomar o devido cuidado de relatar que, esses sujeitos, ao procurarem os recursos para produzirem seus vídeos, traziam consigo previamente algumas informações e conhecimentos a respeito dos processos e procedimentos de produção de vídeos, não se apresentando como tabula rasa ou mesmo desprovidos de qualquer noção sobre tais procedimentos, principalmente porque, enquanto sujeitos históricos e imersos nesta realidade em que vivemos, na qual os meios de comunicação de massa se fazem muito presente, seria praticamente impossível que estes

sujeitos não apresentassem informações prévias sobre tais procedimentos. Esta afirmação pode ser mais bem ilustrada em uma das falas, de um dos grupos focais:

“... de minha parte embora eu nunca tivesse entrado numa ilha de edição antes, a gente sabe como funciona. Hoje os programas jornalísticos, eles utilizam inclusive a forma deles produzirem os vídeos como notícia. (...) a gente sabe como é que funciona os cortes, como é que eles colocam as imagens. Quando a gente vê os [tele]jornais, a gente percebe que o sujeito tá falando e de repente tem uma tremidinha na imagem, é porque cortaram alguma coisa que ele vinha dizendo.” (**Professor**)

Porém, mesmo com essas informações prévias, os sujeitos em muitos momentos revelaram que as possibilidades oferecidas pela tecnologia foram interessantes ou até mesmo surpreendente para eles.

“... foi bem interessante conhecer os programas que podem ser utilizados para edição de imagens, o uso da máquina fotográfica, assim como a filmadora...” (**Professor**)

“... foi uma experiência ótima, tanto de utilização do equipamento, como do resultado. Porque aí quando a gente veio montar... a gente teve um tempo, né? pra ajeitar o que era mais importante e o que não.” (**Acadêmico**)

“A experiência de você poder captar imagem, né? De você poder dirigir o olhar assim, e ter aquela coisa guardada pra você usar depois e tal, e vir pra ilha e para selecionar um segundo. Você faz um corte de um segundo! O que é um segundo? (...) Então assim, é um tempinho de nada que você pode depois repetir aquilo, colocar outras coisas e ai, nossa! É uma experiência incrível! De coisas que você pode fazer e de como você pode contar as histórias.” (**Pós – graduando**)

Nestas falas podemos perceber como os sujeitos, apesar de deterem algumas informações sobre os procedimentos de edição, ainda assim se surpreendem com as possibilidades técnicas oferecidas pela tecnologia. Podemos dizer então, que a produção de

vídeos possibilitou uma ampliação das informações que os sujeitos detinham sobre os recursos tecnológicos de produção de vídeos, fazendo-os perceberem que estas possibilidades técnicas/instrumentais eram maiores do que eles imaginavam.

Todavia esta tecnologia que os sujeitos da pesquisa conheceram, especialmente aqueles que só tiveram a oportunidade de conhecer a ilha de edição do LaboMídia (que apesar ter bons recursos materiais neste sentido), por tratar-se de recursos técnicos de uma universidade pública brasileira e reconhecendo as dificuldades financeiras e até mesmo estruturais que estas enfrentam atualmente, fica evidente que estes recursos sequer podem ser comparados com as possibilidades que são oferecidas nas grandes empresas de comunicação.

Contudo este reconhecimento das possibilidades técnicas, ainda que num contexto reduzido (no que se refere-se às possibilidades tecnológicas existentes no mercado), pode ser um primeiro passo para uma compreensão ampliada dos procedimentos que a mídia se utiliza para a simplificação, dramatização, ou até mesmo distorção da realidade.

Porém, podemos perceber que, principalmente na terceira fala citada, há um certo deslumbramento com estas possibilidades e recursos técnicos. Este deslumbramento é típico do primeiro contato com estas tecnologias, conforme discutimos no quadro teórico deste trabalho. Segundo Belloni (2001), tão necessário quanto reconhecer o uso das novas tecnologias integradas à educação, é também importante atentar-se para este deslumbramento, que tende a promover um uso indiscriminado das tecnologias “por si e em si” (pág. 24). Significa dizer que os audiovisuais acabam sendo utilizados por educadores mais pelas perspectivas técnicas, do que pelas perspectivas pedagógicas.

É importante lembrar que este “deslumbramento” frente às incríveis potencialidades das TIC [Tecnologias de Informação e Comunicação] está longe de ser uma ilusão ou um exagero “apocalíptico” mas, ao contrário, constitui um discurso ideológico bem coerente com os interesses da indústria do setor. (BELLONI, 2001. p. 24)

Assim podemos afirmar que conforme alertado na literatura existente sobre esta temática, o primeiro contato com estes recursos técnicos/instrumentais, propiciou aos futuros professores e professores de Educação Física da UFSC, um estado de “deslumbramento” com os recursos oferecidos. Esta observação pode ser interessante na

medida em que, conforme alerta Demo (1998) em seu livro “Questões Para Teleducação” e também no quadro teórico deste trabalho (capítulo II), este encantamento com as possibilidades técnicas, tende a levar o professor a se esquecer que o fundamental na produção de vídeos, que pretendem ser utilizado como recurso pedagógico, é a questão do conteúdo:

Assim, os produtores de vídeo, para tomar este exemplo, preocupam-se muito mais com a estética comunicativa da apresentação e sua atração lúdica, do que com os fatos, ou com o conteúdo da mensagem. Importa que o vídeo tenha luz boa, som marcante e suave, seja curto, cause impacto. (DEMO, 1998. p. 23)

Ainda neste contexto, a fala que se segue explicita exatamente esta questão do vídeo enquanto instrumento técnico, ao mesmo tempo em que sucinta este deslumbramento que tende a prender-se ao estético.

“... a gente acredita que é um instrumento... pode ser um instrumento que nem a rede globo faz, né? Que é uma coisa instrumental”. **(Professor)**

Na fala acima podemos visualizar as considerações levantadas por Demo (1998) e Belloni (2001) quanto ao fato do encantamento pelas tecnologias, afastar o educador de seus objetivos pedagógicos, ficando este, enfeitiçado somente pelas potencialidades estéticas e lúdicas existentes neste recurso. Neste sentido me parece apropriada uma metáfora de Lucien Sfez, citada por Belloni (2001. p. 16-17), em que a autora aponta, que “o homem domina a máquina que lhe é exterior; a metáfora do organismo naturaliza os objetos técnicos, integrando-os a uma natureza controlada, à qual os homens devem adaptar-se, pois fazem parte dela, todos, homens, máquinas e natureza, integrados num grande organismo.” Esta metáfora nos remete de certa forma, aos “integrados” de Eco (1990), que incorporam as novas tecnologias sem entretanto enxergar questões outras que ultrapassem um entusiasmo muitas vezes ingênuo.

Assim, compreendemos que seja natural o encanto relatado por nossos produtores de vídeos, afinal, para alguns deles esta foi uma vivência ainda incipiente, contudo não podemos deixar de apontar que implicações este encantamento pode submeter, principalmente quando estão em jogo questões formativas e educacionais, sendo que, o que

pretendemos de fato, é compreender as possibilidades formativas existentes nesta prática que se faz presente na formação em Educação Física UFSC.

Podemos apontar outras falas que indicam este fascínio pelos recursos técnicos em si:

“A câmera é um fascínio, é muito legal a gente virar aqui (...) é bem legal! Você pegar uma criança sendo filmada e mostrar a carinha dela do outro lado, isso fascina”.**(Professor)**

“... foi jóia o processo. E daí também ali naquele momento a gente descobriu um pouquinho das possibilidades que tinha, né? De até... relacionado à edição, de colocar o acompanhamento da música, ou não. De deixar a imagem mais corrida ou não. Dos cortes...” **(Acadêmico)**

É preciso que estas possibilidades técnicas/instrumentais sejam compreendidas como insumos para se produzir materiais, de fato, educativos. Para tal é necessário “ir além das práticas meramente instrumentais, típicas de um certo ‘tecnicismo’ redutor ou de um ‘deslumbramento’ acrítico”.(BELLONI, 2001. p.13).

Outro elemento a ser destacado neste momento, refere-se aos recursos técnicos/instrumentais, indicados pelos sujeitos como um instrumento de registro, que pode auxiliar em pesquisas e na reavaliação de suas práticas educacionais. Algumas das falas dos grupos focais indicaram que eles valorizam a possibilidade de registrar eventos para fins diversos, como pesquisa ou mesmo como possibilidade de reavaliar suas práticas pedagógicas. Neste contexto apareceram falas como:

“... e como trabalho de pesquisa eu achei muito rico assim, (...) tem uma capacidade de armazenar informações muito grande. Não se perde nada. Porque tá ... se você faz uma entrevista e grava, você também não vai perder a fala, mas você vai perder a expressão, vai perder muita coisa. E o vídeo não,(...)ele tem essa facilidade de não perder nenhuma informação.” **(Acadêmico)**

Esta primeira fala valoriza o vídeo como um recurso que pode contribuir mais significativamente em coletas de dados para pesquisas. Aqui, o recurso instrumental é tratado exatamente como um insumo para que a pesquisa seja mais fidedigna, revelando que os produtores de vídeo do CDS, também percebem que estas tecnologias podem constituir ferramentas interessantes à produção de novos conhecimentos, isto porque segundo Demo (1998), a pesquisa em seu sentido mais amplo contém princípios educativos.

Os sujeitos, ainda revelaram que para eles a vivência de terem produzido vídeos relaciona-se a questão instrumental do registro. Porém esta atribuição foi apontada num contexto educativo, como possibilidade de reavaliação da prática pedagógica.

“Começou com a idéia de registrar, né? (...)eu acho muito enriquecedor a gente mostrar as pessoas se experimentando. (...) Outra coisa também que foi muito legal, foi rever o feito (...) esta questão de rever a prática, ver como ... a diferença entre o que a gente planeja e o que acontece. Isso também assim, me fez ter uma realidade.” **(Professor)**

Neste dois casos ilustrados acima, as possibilidades técnicas/instrumentais apontam para contextos que são mais relevantes para as questões formativas destes sujeitos, por terem permitido a eles avançarem em seu fazer/agir pedagógico ou mesmo ampliar as possibilidades de desenvolvimento de pesquisa.

Temos que deixar claro também, que se levarmos em consideração uma formação mais ampla para a questão da mídia, conforme evidenciamos em nossas bases teóricas, estes elementos ainda estão distantes de garantirem uma visão crítica e autônoma para os discursos que são veiculados nas mídias. Contudo, já representam um avanço, um primeiro passo para uma dimensão que coloque os recursos materiais, a favor de práticas mais pertinentes com o contexto formativo e educacional. É mister reconhecer os limites desta vivência. A educação ou a formação não se constitui em um único momento, é um **processo**, que segundo Demo (1998 pág. 34) não são sinônimos de facilidade e sim dependem de um esforço individual e coletivo do sujeito, para reconstruir seus parâmetros anteriores em novos códigos de compreensão do mundo e das coisas que o cercam: “A aprendizagem supõe, assim, sempre também um aspecto desconstrutivo, no sentido de que

é preciso deixar para trás patamares superados, o que garante a introdução do novo, mas é, no fundo e tipicamente, um esforço de reconstrução, também no sentido de retomada”.

Contudo, é importante reconhecermos que, apesar destes alunos e professores de Educação Física terem tido apenas um pequeno contato com a produção de vídeos, estes já apontam algumas perspectivas formativas no que se refere aos recursos técnicos/instrumentais que resultaram desta prática específica, a produção de materiais audiovisuais na formação em Educação Física UFSC.

4.2 VÍDEO: LINGUAGEM & CONHECIMENTO.

Em nossa análise dos grupos focais e de nossa entrevista pudemos observar que um dos temas mais freqüentes relacionava-se a produção dos vídeos e a utilização desses vídeos como uma nova forma de linguagem. Ou então, como uma forma de conhecimento, sendo este último termo menos referenciado.

Desta forma buscamos agrupar estas duas terminologias utilizadas pelos sujeitos de nossa pesquisa numa mesma categoria, percebendo que existe uma inter-relação entre estes dois termos no que se refere à educação para mídia, isto porque, segundo nosso referencial teórico, uma proposta de educação para os meios de comunicação de massa deve educar *no* meio e *com* o meio. Ou seja, esclarecer os conteúdos veiculados nas mídias, sua forma de produção e implicações; e ao mesmo tempo utilizar esse recurso técnico a favor de sua prática pedagógica, inserindo-o de maneira crítica e autônoma no cotidiano escolar.

Assim, pudemos observar que na grande maioria das vezes, segundo os depoimentos dos grupos focais, os sujeitos buscaram a produção de vídeos e o espaço do LaboMídia, justamente no intuito de encontrarem uma nova forma de linguagem, diferente das linguagens mais usuais no meio universitário, para veicularem suas produções acadêmicas. O uso deste termo também foi muito freqüente no relato das implicações que as produções de vídeo ofereceram aos sujeitos, em relação a experiência subjetivada.

Neste contexto algumas falas foram destacadas, tais como:

“... o que me despertou a vir utilizar o laboratório, (...) na busca de tá produzindo um vídeo é justamente isso, buscar uma linguagem um pouco diferente, por que as vezes o próprio

conhecimento científico, o fazer científico, ele faz com que a gente fique mumificado em alguns aspectos, né? Porque essa linguagem as vezes ... muito científica, muito academicista, ela não propicia, vamos dizer, não desperta os estudantes...” **(Pós-graduando)**

“Então eu acho que é justamente isso (...) é uma nova linguagem. Uma nova não! Uma outra linguagem que traz novas possibilidades de discussão, um outro jeito de você trabalhar... de repente uma perspectiva diferente de você trabalhar uma determinada temática, né? E isso é muito legal, contar com linguagens diferenciadas...” **(Acadêmico)**

Nestes dois exemplos podemos verificar esta referência ao vídeo como uma nova forma de linguagem. Sobre estas considerações podemos voltar a Ferrés (1996), conforme em nosso referencial teórico, pois na primeira fala citada acima, o sujeito revela que a *“linguagem às vezes... muito científica, muito academicista, ela não propicia, vamos dizer, não desperta os estudantes...”* **(Pós-graduando)**. Talvez esta linguagem acadêmica não desperte os estudantes, conforme afirma nosso entrevistado, justamente porque as novas gerações têm sua percepção alterada devido à cultura televisiva. Ou seja, segundo Ferrés, “um dos efeitos mais relevantes da exposição sistemática à televisão é, então, a modificação das experiências preceptivas”.(pág. 20).

Neste sentido os estudantes podem estar mais desestimulados quanto a linguagem mais tradicional, porque a forma como o conhecimento é comunicado nas escolas e universidades de fato se confronta com as informações veiculadas na televisão, conforme discutimos na pág. 09 deste trabalho (capítulo II). As imagens demandam uma atividade cognitiva muito mais simples para serem decodificadas do que os conhecimentos acadêmicos apresentados na linguagem escrita. Assim, como as gerações mais novas passam grande parte de seu tempo em frente a tv, ou seja, passam grande parte de seu tempo em frente a uma linguagem simplificada, quando estes se deparam com a necessidade de se esforçarem para elaborarem novos saberes, esta tarefa, do ponto de vista cognitivo, se apresenta muito mais complexa e mais difícil, e justamente por ser mais difícil se torna desinteressante e desmotivante:

Existe uma diferença radical entre as letras e as imagens (...) A televisão favorece a gratificação sensorial, visual e auditiva, enquanto que o livro favorece a reflexão. A linguagem verbal é uma abstração da experiência, enquanto que a imagem é uma representação concreta da experiência. Se o livro favorece o conhecer, a imagem favorece o reconhecer. Se o texto oral é especialmente indicado para explicar, o audiovisual é indicado para associar. As diferenças ficam evidentes na expressão *ler* um texto e *ver* televisão. (FERRÉS, 1996. p. 21)

Visto isso, é importante ao professor que pretende trabalhar com estas novas linguagens ter clareza sobre estas implicações a respeito da linguagem audiovisual, uma vez que esta problemática (linguagem audiovisual x linguagem escrita) também constitui um tema a ser abordado na escola para que as novas gerações se dêem conta das diferenças entre as duas linguagens. Isto não implica em desqualificar o meio televisivo em detrimento a linguagem literária, pelo contrário, atribui aos educandos uma visão mais crítica sobre este meio, ao mesmo tempo em que contribui para que eles percebam o quanto é importante ponderar estas duas linguagens, visto que ambas tem suas compensações e limites.

Sendo assim, compreender o vídeo **somente** como linguagem, do ponto de vista educacional pode ser uma incoerência. Isto porque ao dizermos que o audiovisual é uma outra linguagem, estamos dizendo que este recurso é uma outra ferramenta, mais especificamente, um outro canal de comunicação. Ao compreendermos somente esta perspectiva corremos o risco de implantarmos esta linguagem meramente em substituição a aula tradicional, o que na visão de Demo (1998), não modifica em nada, ou em muito pouco a aula tradicional ou uma postura tradicionalista do professor.

Segundo alguns autores de nosso referencial teórico, como Belloni (2001), Ferrés (1996) e o próprio Demo (1998), é muito comum os professores utilizarem o vídeo em sala de aula somente para reforçarem algum conteúdo, como ilustração, ou então em substituição à aula tradicional. É comum observamos um professor que ao invés de falar sobre determinado assunto apenas exhibe um vídeo sobre o tema abordado e considera que sua aula com o vídeo foi melhor. Demo (1998, pág. 22) nos lembra que, na escola, o professor muitas vezes acredita que “**educar é dar aula**” perdendo de vista que seu papel não é dar aulas, mas sim garantir que o aluno aprenda. “Uma distorção comum por parte do educador é traduzir sua proposta em ‘aulas na televisão’, porque acaba replicando as mesmas asneiras da escola, que apenas dá aula. Uma aula ‘bonitinha’, ainda é aula.” (DEMO, 1998. pág. 26).

Um outro problema que identificamos nesta postura de utilização do vídeo somente enquanto linguagem se refere ao fato de que, desde que as escolas passaram a possuir televisores e vídeos cassetes, a utilização destes recursos foi integrada ao repertório de vários professores somente como passatempo ou ainda somente como reforço do conteúdo que foi dado, ou seja, trata-se de mera informação, não de educação. Ao utilizarmos somente como uma outra forma de linguagem, ou seja, como um outro canal de comunicação, o audiovisual passa a substituir o professor na tarefa de atribuição de novas informações e reconhecemos que nesse sentido, os audiovisuais têm a capacidade de apresentarem um grande número de informações num curto espaço de tempo. Contudo para Demo (1998, pág. 27) “**a informação é necessária para a formação, mas é insumo**”. Sendo assim, informação é diferente de formação. Uma pessoa que, por exemplo, assiste muita tv, pode ser bem informada, mas isso não garante que ela seja culta, ou mesmo crítica. O processo formativo depende de informações variadas, de confronto de idéias, de desconstrução e reconstrução das informações e de idéias, de senso crítico. Assim utilizando o vídeo somente como linguagem estamos também sendo meros informadores e não educadores. Podemos trazer novas informações sobre a cultura de movimento, mas estas informações descontextualizadas em nada garantem uma mudança na forma de compreensão da educação física e dos esportes, continuando estes vinculados à imagem única do esporte de rendimento, dos discursos simplistas sobre saúde e estética, entre outros, conforme apontamos no item 2.2 deste trabalho.

A linguagem audiovisual por si só jamais será educativa, somente informativa, porque a formação é algo intrínseco do sujeito, depende de seu esforço pessoal e subjetivo para reconstrução de antigos saberes em novos saberes através do confronto de idéias. A linguagem audiovisual, no entanto pode ser utilizada para fomentar a dimensão formativa do sujeitos como indica Demo (1998). Para este autor o vídeo pode, quando utilizado com autonomia e visão crítica, contextualizada ao processo educativo, “avançar até onde possível e viável na estimulação educativa, ou seja, fazer processos e produtos que **provoquem o sujeito** e, sobretudo o exija em cena; a primeira regra é não apresentar receitas prontas ou veicular informação pretensamente neutra”.(pág 30)

Nesta mesma direção Betti (2003, p. 132) ressalta como a linguagem do vídeo pode fomentar dimensões educativas no âmbito da Educação Física:

Em suma, deve-se buscar relacionar a matéria apresentada com a vivência dos alunos, com outros aspectos da cultura corporal de movimento, com contextos históricos passados e presentes, com dados científicos.

Não se trata de “doutrinar” o aluno, mas de indicar possibilidades de interpretação.

Nesse contexto, o vídeo enquanto linguagem pode contribuir para o processo formativo. Contudo se utilizarmos o vídeo somente como ferramenta, sem qualquer apropriação crítica, estamos caindo no mesmo impasse pelo qual passam as demais áreas que utilizam o vídeo na escola há mais tempo, ou seja, na sala de aula os alunos continuam a assistir tv como telespectadores comuns, vislumbrando apenas seus aspectos lúdicos, de atração estética e meramente informacional, o que não justificaria então, ao menos no sentido formativo, a presença destes recursos na escola. Acreditamos que estas tecnologias são importantes não apenas pela questão instrumental, como recurso técnico, porque são mais atrativos, visto que as ferramentas sempre mudam, sendo substituídas por outras mais modernas, mas acreditamos nas possibilidades educacionais que estes recursos podem oferecer para uma compreensão mais abrangente e crítica sobre os elementos da cultura de movimento. Para isso é necessário que esta linguagem esteja a nosso favor e não contra nós, como destaca Belloni (2001).

Voltando às falas dos sujeitos citadas anteriormente, na segunda fala, somos lembrados de que o vídeo enquanto linguagem “*traz novas possibilidades de discussão, um outro jeito de você trabalhar... de repente uma perspectiva diferente de você trabalhar uma determinada temática, né?*” (Acadêmico).

Realmente a linguagem televisiva pode trazer um outro jeito de trabalhar, principalmente quando esta linguagem torna-se um objeto de estudo para a educação física. Neste sentido a linguagem televisiva pode se tornar uma grande aliada do educador, quando utilizada ao mesmo tempo enquanto linguagem e como objeto de estudo; não é a toa que grande parte dos teóricos que estudam as possibilidades educacionais dos meios de comunicação de massa sempre sugerem que a educação para mídia deva constituir-se a partir da educação *com* o meio e *no* meio.

Educar com meio, ou seja, educar com a televisão, por exemplo, refere-se a incorporação deste equipamento na sala de aula para otimizar o processo de aprendizagem.

Educar no meio significa transformar este meio em objeto de estudo, ou seja, a TV passa a ser uma fonte de conhecimento, assim educar na linguagem audiovisual é: “ensinar os mecanismos técnicos e econômicos de funcionamento do meio, oferecer orientação e recursos para análise crítica dos programas...”(FERRÉS, 1996. p. 92).

É necessário que compreendamos esta associação da ferramenta com a produção de conhecimento. Para Ferrés (1996) estas duas dimensões, educar no meio e com o meio, se complementam na questão formativa. Ou seja, não basta que o professor utilize o vídeo apenas como linguagem. Primeiro porque esta prática já vem acontecendo nas escolas, não sendo nenhuma novidade, pelo contrário, é alvo de várias críticas.

Nesta direção, verificamos que os sujeitos também se referiram a utilização do vídeo como uma forma de produção de conhecimento. Este termo, apesar de ter aparecido com menor frequência também nos chamou a atenção. Isto porque esta atribuição evoca justamente um caráter educativo no uso das tecnologias de informação e comunicação, afirmando que a produção de vídeos na formação de docentes, graduandos e pós-graduandos do CDS, foram uma vivência significativa do ponto de vista educacional, permitindo uma compreensão ampliada sobre a utilização destes recursos (a produção e veiculação de vídeos) em seu agir/fazer pedagógico.

Assim, entendemos que o vídeo pode ser um recurso educativo quando esta linguagem é ao mesmo tempo ferramenta e objeto de reflexão. Neste sentido algumas falas contemplaram esta dimensão, do vídeo enquanto linguagem e como forma de produção de conhecimento. Esta nos parece ser uma perspectiva coerente com a proposta formativa que tentamos vislumbrar nesta pesquisa.

“... estudar a mídia, quer dizer, (...) da mídia enquanto objeto de estudo e enquanto meio, porque a gente pode analisar uma notícia jornalística e pode utilizar o processo de construção de um vídeo. Inserir isso na escola, com os alunos... você vai tá dando artifício para que eles vejam, né? a produção das mídias ou a veiculação das mídias com um olhar diferenciado ... e é aí que tá o esforço do educador ...” **(Acadêmico)**

“A professora dividiu a turma em grupos e cada grupo teria que apresentar um seminário de uma maneira de produção e veiculação do conhecimento em Educação Física (...) na época

a gente tava discutindo a questão (...) do vídeo ser uma forma de produção do conhecimento e também de veiculação do conhecimento. (...) a gente apostava, acreditava que o vídeo era uma forma de produzir e veicular conhecimento”.**(Pós-graduando)**

Nas falas acima podemos perceber que há a preocupação da utilização da linguagem como ferramenta e também como conteúdo. Nestas falas o vídeo é apontado como uma possibilidade de produção de conhecimento e também como forma de linguagem, mas não exclusivamente enquanto linguagem. Quando estes sujeitos colocam o vídeo como *forma de veiculação de conhecimento*, significa dizer que há um entendimento do vídeo como linguagem, um meio para comunicar algo, no caso, um conhecimento ou uma informação. Contudo também é citado o vídeo como *forma de conhecimento*, significa dizer que o vídeo passa a ser objeto de estudo, de reflexão.

Esta é uma dimensão interessante porque atribui um caráter educativo ao uso dessa desse conteúdo na escola e na Educação Física. Primeiro porque falamos de Educação Física escolar, e sendo a mídia encarada como um problema pedagógico transversal na escola, esta é uma temática que deve ser abordada pela educação física, uma vez que somos essencialmente, uma área pedagógica. Segundo porque ao compreendermos os mecanismos de produção, espetacularização e venda de imagens (entre vários outros mecanismos utilizados pelos meios de comunicação de massa), compreendemos as implicações que estes meios exercem nos elementos da educação física, como os esportes, as danças, as lutas, etc. e nas pessoas que destes usufruem. É preciso considerar ainda que estes conteúdos (da Educação Física) ocupam um espaço significativo nestes meios de comunicação, especialmente o esporte.

Neste contexto, Pires (2002) aponta algumas dessas implicações que os meios de comunicação de massa exercem nos elementos da educação física, em especial no esporte.

A essa compreensão banalizada da cultura esportiva incorpora-se uma série de discursos descontextualizados, fragmentados e reducionistas sobre possíveis benefícios advindos da prática do esporte. Sua alegada relação com a melhoria da sociabilidade e das condições orgânicas de saúde, a apropriação de valores morais desejáveis e, principalmente, a obtenção das formas estéticas socialmente reconhecidas como ideais. (pág. 86)

Frente a esta realidade, este mesmo autor sugere que a universidade e a escola assumam o compromisso de intervirem no processo de esclarecimento das mídias em relação à cultura de movimento. As universidades produzindo conhecimentos e preparando os futuros professores para interagirem criticamente com as mídias e as escolas difundindo estes conhecimentos, sendo esta última “talvez a única instituição capaz de conceber/implementar ações de natureza emancipatória sobre este tema ...” (pág. 166). Se a universidade é o local para produzirmos conhecimentos sobre a mídia, isto quer dizer que temos que aprender na academia como tratar da mídia enquanto objeto de estudo. Podemos dizer então, que o LaboMídia constitui um espaço adequado para uma formação crítica em relação à mídia na Educação Física UFSC, porque este espaço possibilita a comunidade do CDS o estudo da mídia relacionada à educação física (mídia objeto de estudo) ao mesmo tempo em que também é oportunizado neste espaço a produção de audiovisuais, tanto objetivando o uso da linguagem, como a apreensão da forma de operação do meio técnico em relação a construção desta linguagem, o que caracteriza uma forma de apreensão do meio técnico como um conteúdo, um objeto de reflexão.

Percebemos ainda em nossos dados que a vivência de produção de vídeos no CDS contribuiu ainda para que um de nossos sujeitos passasse a usufruir em sua prática pedagógica da temática da mídia relacionada à Educação Física enquanto fonte de conhecimento:

“... profissionalmente eu trabalho com o uso de imagens na sala de aula e discuto essa temática com meus alunos, entretanto, o tema em questão ainda passa despercebido, é preciso fortalecer os grupos de pesquisa e disponibilizar mais materiais sobre a relação Ciências do Esporte e Mídia”.**(Professor)**

Na fala acima o sujeito demonstra que utiliza a mídia enquanto conhecimento em sua prática pedagógica, embora os alunos ainda não tenham se interessado pelo tema. Esta fala surgiu exatamente quando este sujeito foi questionado sobre de que forma a vivência de ter produzido um vídeo poderia ter contribuído para sua formação profissional. É possível afirmarmos que a vivência da produção de vídeo para este sujeito, foi incorporada pelo mesmo, ou seja, constitui-se enquanto um elemento de formação, apontando novas

possibilidade de intervenção pedagógica para a educação física a partir da mídia, mesmo que esta prática ainda não tendo sido percebida por seus alunos conforme o próprio sujeito coloca.

Todavia, nesta fala vislumbramos exatamente que a produção de vídeos no LaboMídia, permite a seus usuários uma perspectiva formativa no que se refere à educação para a mídia relacionada ao campo da Educação Física, permitindo ao professor desta área uma formação mais autônoma e crítica em relação a esta linguagem e aos conteúdos da educação física que se encontram veiculados nos meios de comunicação de massa.

Neste contexto podemos dizer que, apesar de, em vários momentos a produção de vídeos ter sido apontada unicamente como linguagem, os sujeitos de nossa pesquisa também tocaram nas possibilidades educacionais dos audiovisuais.

4.3 RE-FORMANDO O OLHAR.

Neste momento discutiremos um dado revelado por nossa pesquisa e que se refere justamente a uma nova forma de compreender os meios de comunicação de massa, a partir da experiência de produção de vídeos realizada no LaboMídia. Ou seja, os grupos focais apontaram que a partir da vivência de produção dos vídeos, os sujeitos passaram a ter um olhar diferenciado para as mídias, um olhar mais esclarecido, tanto para as formas de produção das imagens, como também passaram a compreender melhor alguns interesses e prioridades que normalmente se fazem presente no direcionamento do olhar sobre uma determinada realidade.

Este é um elemento fundamental de nossa pesquisa porque, apesar dos sujeitos deste estudo terem apresentado um certo deslumbramento pela tecnologia e algumas indicações ainda incipientes quanto à produção de imagens para uma educação para a mídia (conforme apontamos anteriormente), aqui podemos identificar que dimensões formativas foram alcançadas a partir da oportunidade oferecida pelo Laboratório de Mídia do CDS para a produção de vídeos. Contribuindo não só para a formação profissional, mas também para a formação desses sujeitos enquanto cidadãos. Isto porque, ao perceberem a mídia mais criticamente, este conhecimento passou a ser utilizado não somente no âmbito profissional, mas atinge principalmente o pessoal, uma vez que, como eles mesmos relataram, agora eles assistem a tv de maneira mais criteriosa, vão ao cinema com uma visão diferenciada se

comparada ao modo como assistiam TV antes de conhecerem mais profundamente as tecnologias de edição.

“... eu pessoalmente hoje vou ao cinema hoje de outra forma, isso é muito legal! Eu vejo coisa que eu não tinha atenção. O foco do olhar pra algumas coisas, né? (...) isso foi um grande aprendizado. Eu não vou mais no cinema só pra comer pipoca e ver legenda, então melhorou...”. **(Professor)**

Esta fala evidencia que o olhar dos sujeitos sobre a mídia foi modificado, ou como dito acima “*melhorou*” a partir do momento que estes sujeitos conheceram melhor o meio técnico. Esta é uma constatação apontada por nossa análise, uma vez que, ao serem questionado sobre possíveis contribuições que foram percebidas devido à vivência de produzir um vídeo, os sujeitos relataram com grande frequência que uma das contribuições mais significantes foi justamente, a percepção de que, conhecendo o meio técnico, a forma como eles assistiam televisão foi modificada, tornando-se mais criteriosa tanto em relação ao modo de produção, como em relação aos conteúdos que eram veiculados.

“Esse olhar mesmo que você tem pra televisão, como encarar tudo isso, né? Porque se você tá fazendo um trabalho a respeito disso, você começa a prestar a atenção em algumas coisas que simplesmente são impostas pra gente (...) tem muita coisa por trás”. **(Acadêmico)**

“Então, enquanto cidadão, eu acredito que a mídia ela faz com que a gente tenha que perceber alguns olhares críticos em relação a isso. E a gente não pode ver e achar beleza e, vamos dizer, bondade em tudo o que a gente vê (...) a gente tem que tá ali sempre com muito critério. A gente tem que tá sempre procurando um olhar mais crítico e um olhar mais criterioso pra tá deslumbrando... vendo como é que é aquele instrumento...” **(Pós-graduando)**

As falas dos sujeitos acima revelam que a experiência de produção de vídeos possibilitou uma nova visão sobre os produtos televisivos, compreendendo uma dimensão educativa no que diz respeito ao esclarecimento sobre as mensagens midiáticas. Ao

produzirem um vídeo os sujeitos passam a entender melhor a dinâmica de criação estética e principalmente da criação de sentidos que se faz necessária na criação de um vídeo, passando de meros consumidores das mensagens midiáticas para produtores destas mensagens, o que lhes possibilita, conforme constatado, um olhar mais atento sobre os produtos que são veiculados na mídia.

Sobre este aprendizado possibilitado pela produção técnica das imagens Ferrés (1996) reforça esta perspectiva comparando as possibilidades de aprendizagem da linguagem escrita com a linguagem audiovisual:

Filmar e gravar com uma câmera de vídeo é para a criança e para o jovem uma experiência nova, apaixonante. Permite-lhes, além do mais, compreender melhor a mecânica interna da televisão, a sua dinâmica expressiva e seus sistemas de produção de sentido. No caso da linguagem escrita a criança aprende a ler e a escrever ao mesmo tempo, aprende a ser consumidor e ao mesmo tempo produtor de mensagens. Compreende facilmente o conceito de autoria porque ele próprio é capaz de redigir um texto. Isto torna mais fácil a sua compreensão do meio, o que também é esperado para a televisão. (pág. 94)

A citação deste autor é interessante porque nos remete ao fato de que na escola, quando aprendemos a linguagem escrita somos possibilitados ao mesmo tempo para consumirmos, produzirmos e refletirmos sobre esta forma de comunicação, enquanto para a linguagem audiovisual somos mantidos apenas como consumidores desta linguagem, o que é uma contradição com a própria realidade, uma vez que, atualmente dedicamos um tempo considerável à linguagem televisiva.

Assim, percebemos que a experiência de produção de vídeos no âmbito da formação de professores e futuros professores de Educação Física torna-se relevante na medida em que atualiza, ou contextualiza este professor para uma prática mais autônoma com estes meios. Afinal, para que o professor de educação física esclareça seus alunos sobre o discurso midiático, antes ele próprio precisa estar esclarecido.

Betti (2003) indica que os alunos precisam compreender os mecanismos de funcionamento da televisão para compreender plenamente o que estão assistindo. Se isto é verdadeiro para os alunos também é verdadeiro para os professores de Educação Física. Estes professores precisam, preferencialmente, em sua formação ter um contato com as formas de produção dos audiovisuais para dominarem esta linguagem e intervirem mais criticamente, conforme constatou este mesmo autor: “Avaliou-se como pré-requisito que o

professor detenha conhecimentos sobre o processo de construção da linguagem televisiva, e que desenvolva ele próprio a capacidade de interpretação crítica das mensagens televisivas, para poder trabalhar essa linguagem com os alunos.”(BETTI, 2003. p. 109)

Este pré-requisito apontado por Betti é fundamental para uma educação para mídia em educação física, e ao que parece, pelas falas apontadas pelos sujeitos desta pesquisa, estes passaram a vislumbrar um olhar mais amplo sobre a constituição das imagens midiáticas a partir da prática de produção de vídeos durante suas formações. Na fala abaixo podemos verificar um relato que atribui claramente que o sujeito passou a ver a mídia mais atentamente devido a vivência de produção de vídeo.

“ ... a produção de vídeos, nos aproxima de um olhar mais reflexivo sobre as imagens em nossa sociedade (...) e a utilização possibilita um olhar técnico sobre as questões que fundamentam a produção de tais materiais.” **(Professor)**

Se podemos dizer que a vivência de produção de vídeos na formação de professores de Educação Física é um prática relevante para a formação profissional podemos dizer que esta prática se estende também ao campo da formação pessoal, à formação de cidadãos mais esclarecidos para os meios de comunicação de massa. Segundo Belloni (2001) desde a década de 1970 especialistas da Unesco já incluem a idéia de que a educação para a mídia representa também uma condição para a cidadania, sendo por isso mesmo um meio para a democratização da educação e de acesso ao saber. Podemos observar que em muitas falas os sujeitos afirmam que a partir da vivência de produção de vídeos foi alcançado não só um novo olhar para a mídia enquanto um elemento que possa se fazer presente na escola e nas aulas de educação física, mas, sobretudo, os sujeitos indicaram que passaram a ver a mídia com outros olhos em suas vidas, no cotidiano.

“... conhecer o meio técnico assim, ajuda a gente a assistir televisão de outro jeito, né?” **(Pós-graduando)**

“...você tá em casa e vai assistir um vídeo e você já tem um outro olhar ... eu acredito que seu olhar muda (...) você começa a entender aquilo que as pessoas tão se propondo a passar na mensagem e você utiliza isso” **(Pós-graduando)**

“Você pára pra pensar ... o que tá acontecendo, assim? Porque tem alguém por trás daquele ... da tela. Alguém foi lá e capturou aquelas imagens com um propósito, né? (...) tem alguém lá por trás que tá direcionando, no caso, o teu olhar.” **(Acadêmico)**

Essas falas representam que a compreensão da mídia de uma maneira diferente não se delimita unicamente ao campo profissional, pois os sujeitos apontam que estes conhecimentos perpassam outros âmbitos de suas vidas, para além da mera formação profissional. Dessa forma podemos dizer que o LaboMídia configura-se como um espaço de fato formativo e não meramente instrutivo, pois os próprios sujeitos indicam que os conhecimentos que foram apreendidos neste espaço não permaneceram somente no plano técnico, na mera instrução para utilização de recursos tecnológicos, mas avançou em direção a uma formação também humanística, de formar cidadãos autônomos e críticos para o consumo de mensagens midiáticas.

Entendemos que esta é uma contribuição fundamental na formação dos professores e futuros professores de Educação Física, porque somente a partir de uma visão crítica da mídia no cotidiano é que se torna possível a identificação de problemas neste meio que sejam aplicáveis ao fazer/agir pedagógico no cotidiano escolar. **“Professor que não aprende bem não pode fazer o aluno aprender bem”** (DEMO,1998. p. 190).

Se o professor não tem condições de identificar lacunas nos discursos veiculados pelas mídias, ele não pode possibilitar à seus alunos a reconstrução de novos saberes para além dos sentidos atribuídos pelas mídias aos elementos da cultura de movimento, permanecendo ambos, professor e alunos, a reproduzirem unicamente a visão midiática destes elementos da educação física, uma visão que, conforme apontamos em nosso referencial teórico (capítulo II), é marcada pela visão hegemônica do esporte de rendimento, esporte-espetáculo, monocultura esportiva, etc.

Neste sentido foi possível constatar também que os sujeitos da pesquisa passaram a identificar problemas na mídia que são passíveis de intervenção pedagógica, o que podemos visualizar na fala a seguir.

“ ... eu acho que o mundo tá muito acelerado e muito desfocado (...) é uma tecnologia que possibilita produzir muitos ... ela tem produzido muitos mais mundos virtuais, do que mundos reais. Eu acho que isso é importante, trazer mundos reais.” **(Professor)**

Aqui, um dos sujeitos identifica alguns problemas que foram constatados por ele na TV após o contato com o LaboMídia, e que seriam relevantes para o debate na Educação Física. O sujeito continua:

“Eu acho que o vídeo emociona ... e eu acho que é o primeiro passo para gente educar sentimentos. (...) o esporte tá muito desfocado, eles tem usado muito pra produzir emoção, mas não traduz muitas vezes o sentimento que aquela pessoa que emocionou tá sentindo, e a gente precisa de um mundo de sentimentos.” **(Professor)**

Estas duas falas acima reafirmam que os sujeitos passaram a compreender a mídia mais criticamente, sendo capazes de identificar lacunas nos discursos midiáticos, como aponta o próprio sujeito: “o esporte tá muito desfocado” ou ainda “...ela [a mídia] tem produzido muitos mais mundos virtuais, do que mundos reais.” Confirmando então nossa hipótese de que a produção de vídeos no âmbito da formação da Educação Física UFSC é uma prática relevante no que se refere a formação de professores e futuros professores de Educação Física capazes de compreender e atuar criticamente em relação aos conteúdos da Educação Física que são veiculados nas mídias.

Por fim identificamos ainda que, para alguns dos sujeitos, a produção de vídeos possibilitou também um olhar diferenciado para compreender as novas gerações. Ou seja, para alguns dos sujeitos, compreender a linguagem audiovisual os ajudou também a compreender seus alunos, já que para alguns professores o contato com esta linguagem não é algo tão próximo como é para seus alunos. Nesta direção Badin apud Belloni (2001, pág. 27) identifica que: “Talvez sejamos ainda os mesmo educadores, mas certamente nossos

alunos já não são os mesmos, ‘estão em outra’ (BADIN, 1989), são outros, têm uma relação diferente com a escola.”

Esta é uma questão que nossos sujeitos parecem ter clareza, contudo, indicam que a compreensão da linguagem audiovisual os possibilitou uma aproximação com os interesses e com o universo de seus alunos, permitindo que compreendessem que as forma de apreensão das novas gerações foram modificadas por esta linguagem, conforme discutimos no capítulo anterior com as idéia de Ferrés (1996). Neste contexto temos uma fala interessante:

“... é muito legal também pra eu começar a entender essa geração nova, porque a minha infância não foi na frente dessa parafernália eletrônica. Então hoje tem me ajudado a compreender mais essa nova geração que já tem isso muito cedo.

E isso melhora a sala de aula, porque a gente entende o quanto tem de sedução, nessa molecada que tá desde cedo tendo contato com esses vídeos, com essas coisas ... e o quanto se torna monótono, né? As coisas que pra gente foi natural, a gente sentar e ficar ouvindo o professor falar. Então a gente precisa sabe? Saber porque que tá desencantado a atenção das pessoas (...) Mudou muitas coisas e uma das coisas que mudou é essa era da informática, eles não tem mais paciência, mas se tu pões um vídeo, se tu pões imagens, eles ficam absolutamente em casa em relação a isso. Agora o que é familiar pra eles, pra nós não é!”

(Professor)

Esta é uma questão muito pertinente porque demonstra que, a partir do contato com a linguagem audiovisual em sua formação, o professor pode também reconstruir seus saberes e renovar sua prática pedagógica a partir da constatação de que as novas gerações modificaram suas formas de apreensão da realidade devido ao grande contato que mantêm com a mídia. Nesta perspectiva ao passarem a conhecer melhor a mídia passam também a conhecer melhor seus alunos.

É extremamente relevante aos educadores atuais, perceberem que as novas gerações estão sob influência da mídia também na maneira como dialogam, com se expressam e como apreendem o mundo, enquanto “os educadores estão ainda distantes da cultura audiovisual”(BETTI, 2003. p. 105-106).

Assim, respaldado em Belloni (2001), entendemos que este é mais um argumento que justifica a presença de um espaço para o estudo e a produção de audiovisuais nos cursos de formação de Educadores, entre eles os professores de Educação Física.

Considero esta perspectiva – mídia-educação como instrumento de construção da cidadania – como essencial para o desenvolvimento de práticas educacionais democratizadoras, inclusive uma formação de professores mais atualizada e em acordo com as aspirações modos de ser e de aprender das novas gerações. (BELLONI, 2001. p. 46)

Visto as questões que aqui elucidamos, acreditamos que as falas dos sujeitos afirmam nossas colocações, de que, a partir da vivência da produção de vídeos foi possibilitado aos sujeitos desta pesquisa uma reformulação do olhar para a mídia tanto enquanto cidadãos, ou seja, os sujeitos passaram a vislumbrar a mídia mais criticamente em seus cotidianos. E ainda enquanto educadores em formação, foi possibilitado, conhecendo melhor o modo de produção dos audiovisuais, ter um novo olhar, mais criterioso sobre o que é veiculado a respeito dos esportes e da educação física, podendo atribuir ação pedagógica a estas mensagens, além de possibilitar, também, uma melhor aproximação e compreensão dos alunos.

5. OBSTÁCULOS E SUGESTÕES

Na realização dos grupos focais e entrevista percebemos que os sujeitos da pesquisa, em muitos momentos, apontaram as dificuldades encontradas na tarefa de produção de vídeos durante suas formações. Em contrapartida também foram citadas sugestões para a superação de tais limites. Desta forma, trataremos agora destas duas questões apontadas pelo campo: os obstáculos encontrados; e as soluções sugeridas pelos participantes dessa pesquisa.

i) Obstáculos:

Durante a *análise de conteúdo* verificamos que em muitos momentos os sujeitos apontaram algumas dificuldade e limites que se fizeram presentes na tarefa da produção de materiais audiovisuais,ou ainda de utilização do espaço do LaboMídia. Desta forma foi possível detectarmos os principais obstáculos destacados pelos sujeitos.

Assim, destacamos aqui que as principais dificuldades indicadas pelos sujeitos desta pesquisa se referiram: à não aceitação, ou o não reconhecimento do vídeo como forma de

produção científica e acadêmica por alguns professores e disciplinas, ou até mesmo por colegas do próprio curso; questão *de tempo* para a produção, já que a construção de um vídeo demandaria mais tempo para sua concretização em detrimento ao texto escrito; o desconhecimento técnico, ou seja, o não domínio das ferramentas e tecnologias de produção audiovisual, tais como, manuseio da filmadora, noções de enquadramento, planos de filmagem, etc; e por último, questões ligadas à disposição de recursos estruturais, técnicos e humanos, que ainda são incipientes no LaboMídia e que dependem amplamente de verbas, questões burocrática e políticas de funcionamento e incentivo.

Expostas estas questões, começaremos pelo fato apontado pelo sujeito, sobretudo os acadêmicos, no que diz respeito à postura conservadora de alguns professores e disciplinas do curso de Educação Física UFSC que não aceitam, ou não validam, a produção de trabalhos acadêmicos científicos no formato de vídeo, restringindo os alunos à linguagem única do texto escrito¹⁵.

“ ... vídeo vira trabalho científico também, né? E isso é uma coisa que muitas vezes os graduando daqui não tem idéia ... nem os professores, exatamente! Quer dizer, eles questionam como é que um vídeo pode ser entregue como trabalho de conclusão de disciplina? Bom, então como é que um vídeo pode ir pra um congresso? E vai!”
(Acadêmico)

Quanto aos vídeo serem aceitos em congressos e eventos, outro acadêmico destaca:

“Uma coisa que eu não falei no começo mas que foi legal, é que esse vídeo a gente acabou fazendo pra disciplina, mas a gente acabou apresentando na Semana da Educação Física da UFSC também...” **(Acadêmico)**

Percebemos na primeira fala acima que o sujeito (**acadêmico**) identifica o vídeo como uma forma concreta de produção e veiculação de conhecimentos científicos, que inclusive pode ser aprovado em congressos, conforme demonstra a segunda fala, ou seja, a

¹⁵ Um exemplo desta restrição única à linguagem escrita, seria o próprio TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). A única forma de trabalho aceita nesta etapa acadêmica é a monografia, um típico trabalho científico textual, engessando os alunos quanto a qualquer outra possibilidade de produção e veiculação do conhecimento.

linguagem audiovisual já esta sendo reconhecida por algumas instituições científicas¹⁶ da área da Educação Física. Mas ao mesmo tempo, o sujeito aponta que muitas vezes os próprios colegas de curso e alguns professores não reconhecem esta linguagem como válida. Vejamos mais:

“...a gente sabe que tem resistências por parte de alguns professores em, como você mesmo colocou, né? Aceitar isso como um trabalho, ou alguma coisa. Isso também é uma dificuldade.” **(Acadêmico)**

Para Demo (1998), está postura tradicionalista de alguns professores trata-se de mero conservadorismo hipócrita, uma vez que o professor deveria acompanhar ou estar a frente de seu tempo, assim como a escola, sendo sempre sua prática reconstruída e renovada, para desta forma também ser transformadora e não estática. Mas ao mesmo tempo este autor reconhece que esta é uma tendência natural dos professores, ou seja, com o passar do tempo os professores tendem a ficarem paralisados em suas práticas pedagógicas:

Para que alguém se torne transformador, carece de engajamento específico e sustentado, cuja chama é sempre difícil de manter acesa. Na tendência natural das coisas, apaga-se com o tempo. Esta dialética esta na base de todos estes fenômenos ditos qualitativos, que são muito difíceis de gerar e ainda mais difíceis de manter e renovar. (DEMO, 1998. p. 18)

Neste sentido é necessário que os professores tenham uma formação continuada para acompanharem as exigências educacionais que a cada dia surgem ou se modificam. Isto não é diferente para o professor de Educação Física, e sendo assim, a experiência com a produção de vídeos no âmbito da formação pode ser uma saída para este ranço. Inevitavelmente, aqueles professores que tiveram contato com o LaboMídia, passaram a usufruir desta linguagem em sala de aula e incentivam seus alunos a produzirem materiais em vídeo em suas disciplinas, sendo que, no caso de um dos professores entrevistados, foi revelado que, a produção de vídeo foi incorporada como uma prática obrigatória para o

¹⁶ No ano de 2003, o grupo de estudos Observatório da Mídia Esportiva apresentou um videotexto, ou, artigo visual, no ENAREL 2003(Encontro Nacional de Recreação e Lazer), denominado: *Lazer na UFSC: cenas de uma ocupação pacífica.*

trabalho de conclusão de sua disciplina, tornando dessa forma o acesso e o conhecimento destas tecnologias mais próximo dos estudantes do curso de Educação Física .

Um outro obstáculo apontado pelos sujeitos, diz respeito à questão temporal, ou seja, o tempo de produção de um vídeo é demasiado grande se comparado ao tempo de elaboração de um texto escrito.

De fato a produção de um vídeo demanda mais tempo, isto porque é necessário capturar as imagens, selecioná-las (decupagem), elaborar um roteiro prévio do que seria o vídeo, gravar as narrações, os textos escritos e uma série de outros procedimentos que são necessários para a construção do material audiovisual, além da edição em si, a realização dos cortes, colocar músicas, caracteres, etc. Esta foi uma dificuldade também percebida pelos sujeitos da pesquisa.

“as dificuldades são (...) a disposição temporal para o trabalho de captação das imagens, a decupagem, a edição, a trilha sonora, entre outros tempos do processo de produção que por vezes são cansativos e demorados.” **(Professor)**

É possível constatar que esta foi uma dificuldade que forçou os sujeitos a reverem seus conhecimentos a respeito da criação de materiais audiovisuais, ou seja, até mesmo neste obstáculo, os sujeitos perceberam significados formativos/educacionais que os permitiram avançar em relação a compreensão da mídia, sendo este limite reconhecido, inclusive, como uma das alavancas para a reconstrução do olhar a qual nos reportamos no tópico anterior. A fala abaixo pode clarear nossa afirmação:

“ Eu diria que é tempo, porque fazer um vídeo dependendo da qualidade, olha ... consome mais tempo do que fazer um artigo (...) porque tu precisa estudar, tu precisa selecionar as questões, tu precisa saber o que tu vai contar ... e como a gente não conhecia (...) Porque o tempo de produção é muito grande, é muito grande! Porque só esse dado a musica ... vamos escutar música, mas pô, perai? (...) mas essa letra não tem nada a ver. E aí diz, não, agora essa música não tem nada a ver. Daí a gente precisa estudar... música, letra, e isso pra essa dificuldade que a gente tem ... aí depois eu digo, bom, vai pra imagem ... esse foi o limite.”

(Professor)

Percebemos que o sujeito se deparou com esta dificuldade temporal, justamente porque foi forçado a pesquisar e formular novos saberes para lidar com esta prática, o que reforça nossa afirmação de que a produção de vídeos pode ser um elemento eficaz na formação continuada, para atualizar os professores ao uso das novas tecnologias de informação e comunicação. Nesta direção Belloni (2001) ressalta, que a partir da utilização dos recursos audiovisuais em sala de aula, abrem-se novos campos aos professores. “Este novo campo, necessariamente interdisciplinar, tem que considerar os dois principais componentes dessa nova pedagogia: a utilização cada vez maior das tecnologias de produção, estocagem e transmissão de informações, por um lado, e , por outro, o redimensionamento do papel do professor.” (pág. 27)

Este redimensionamento a que se refere Belloni trata exatamente da questão que apontamos algumas linhas acima nas idéias de Demo (1998), sobre o professor acompanhar seu tempo, estar aberto às novas possibilidades educacionais, inclusive as oferecidas pelos recursos audiovisuais.

O empecilho temporal citado pelo sujeito acima, decorreu exatamente de um processo formativo, que inclusive, o remeteu ao redimensionamento do olhar para as produções audiovisuais na contemporaneidade, conforme discutimos no tópico anterior. Isto pode ser observado na fala seguinte:

“A primeira vez que eu fui ao cinema depois daquilo, eu fiquei tão indignada porque as pessoas se levantaram e não prestaram atenção nos créditos (...) eu nunca tinha pensado na perspectiva do trabalho delas, por isso que o nome delas estavam ali [nos créditos] (...)esta foi uma mudança que eu passei a prestar atenção por conta do trabalho.” **(Pós graduando)**

Esta fala tem um relação direta com a fala anterior (do Professor), uma vez que indica que o obstáculo do *tempo* se fez presente também, porque forçou os sujeitos a pesquisarem, estudarem, e esta atividade resultou na mudança relatada na fala acima, ou seja, este obstáculo se fez presente por se tratar de uma experiência formativa, que conforme Demo (1998), é uma experiência que demanda tempo, esforço pessoal e reconstrução de saberes, exatamente o que o sujeito (professor) relata, culminando em uma

nova forma de compreender a produção de vídeos, conforme demonstra a fala acima (pós-graduando). Existe aqui um estreito relacionamento entre o obstáculo temporal e o agrupamento categorial *Re-formando o Olhar*.

Surgiram ainda falas que indicavam o desconhecimento do modo de operação dos instrumentos e ferramentas eletrônicas, ou melhor, como os próprios sujeitos colocaram, o desconhecimento técnico, a falta de contato com artificios como, por exemplo, a câmera filmadora, o microfone, a falta de conhecimentos sobre planos de filmagem, enquadramento e outras técnicas que possibilitam uma potencialização estética de apreensão das imagens que se quer fazer, capturar.

Neste sentido encontramos fala em todos os participantes da pesquisa, graduandos, pós-graduandos e professores que apontaram que o desconhecimento técnico é uma dificuldade comum a todos:

“A maior dificuldade é por ter sido a primeira vez, né? ai você consegue aproveitar da melhor maneira.” **(Acadêmico)**

“ É, na realidade acho que uma dificuldade grande é o desconhecimento técnico.” **(Pós-graduando)**

“eu acho que o grande limite, eu acho que foi o desconhecer os recursos da tecnologia, né? Muitas vezes a gente ficava surpreso.” **(Professor)**

Este é um ponto delicado que se instaura na prática de produzir um vídeos dentro do curso de Educação Física, uma vez que estes conhecimentos técnicos não são típicos, ou legítimos do professor de Educação Física, mas sim dos comunicadores sociais e jornalistas. Neste caso uma saída possível seria a aproximação dos comunicadores sociais e jornalistas com a Educação Física, pois concordamos com Demo (1998) quando este autor diagnostica que “Há normalmente dois níveis de preocupação mais recorrentes: de um lado, a estética da imagem, um problema tipicamente eletrônico e de arte no manejo da imagem, e, de outro lado, a absorção dela pelo espectador.” (p. 25). Neste sentido os comunicadores sociais e jornalistas poderiam contribuir sobremaneira na instrumentalização dos

professores de Educação Física para que estes dominem minimamente os equipamentos e assim possam criar materiais didáticos próprios e transmitir estas informações a seus alunos, ficando na tarefa de esclarecer, a absorção das mídias pelo telespectador criticamente, no que diz respeito aos elementos da cultura de movimento. Esta aproximação do professor com diversas áreas do conhecimento é uma tarefa indispensável para a educação para a mídia, segundo Belloni (2001):

Para enfrentar este desafio [da educação para a mídia] o professor terá que aprender a trabalhar em equipe e a transitar com facilidade em muitas áreas disciplinares. Será indispensável quebrar o isolamento da sala de aula convencional e assumir funções novas e diferenciadas (...) O professor terá que aprender a ensinar a aprender. (pág. 29)

Assim, é necessário que o professor de Educação Física, em sua formação tenha contato com os recursos audiovisuais e também com as formas de operação básicas destas tecnologias, até mesmo para viabilizar e otimizar esta prática. Está é uma perspectiva que poderia ser alcançada a partir de uma ação interdisciplinar com os profissionais do curso de Jornalismo e/ou Comunicação Social, ou outros profissionais capacitados. O que não implica, necessariamente, em criação de disciplinas específicas ou outras ações demasiado formais. Tal ação interdisciplinar poderia acontecer em oficinas, em experiências compartilhadas entre alunos da Educação Física e Jornalismo, etc.

Por fim, o último obstáculo relatado pelos sujeitos refere-se a limites estabelecidos por questões estruturais, de falta de recursos humanos e materiais. Esta também foi uma dificuldade apontada por todos os grupos participantes (graduação, pós-graduação e docentes)

“...com todos os equipamentos que já há, mesmo com a disponibilidade de horários, com a competência que as pessoas tem, enfim, com a boa vontade que o laboratório e as pessoas tem, é sempre muito pouco pra atender as nossas demandas, né? Então isto é um fato.”

(Professor)

“...eu acho que ainda é carente pra atender uma demanda, né? você fica sobrecarregado (...) porque realmente, as pessoas, quando os professores incentivam e os alunos vem(...) acaba isso ficando restrito. Quando você começa a ter choque de horários, pouca disponibilidade

de tempo, falta de equipamento pra você decupar, falta de câmera pra você filmar e aí o processo acaba ficando mais moroso (...) As dificuldades acho que são essas assim ... mais de ordem estrutural e recursos...” **(Acadêmico)**

Percebemos que este problema levantado pelos sujeitos foi o mais citado. É necessário no entanto, destacar que estes limites de ordem estrutural foram identificados em diferentes contextos.

O primeiro deles é que, de fato, o LaboMídia ainda não dispõe de muitos materiais, tendo apenas duas câmeras filmadoras, dois televisores, enfim, poucos recursos materiais. Porém está é uma realidade que as universidades públicas brasileiras de modo geral enfrentam, não se trata de um caso específico, esta condição pouco favorável em que se encontra o laboratório de mídia do CDS.

Outra questão que se faz muito presente para que haja estas dificuldades estruturais, pode residir justamente na postura conservadora de alguns professores, conforme apontamos anteriormente, isto porque, caso alguns desses professores ocupem cargos administrativos, fatalmente o laboratório de mídia será menos privilegiado quanto a distribuição de verbas e incentivos, já que para algumas pessoas, pouco esclarecidas, por que seria relevante se ter um laboratório de mídia num curso de Educação Física? Para estes professores, talvez isto não faça sentido, uma vez que estes não percebem que existe uma relação estreita entre este laboratório e os temas da educação física de cunho mais biológico e fisiológico, como, a metodologia do treinamento desportivo, aprendizagem motora, etc.

Contudo os sujeitos desta pesquisa acreditam que seja relevante a existência de um laboratório de mídia durante suas formações, porém sem deixarem de exaltar a importância dos recursos técnicos e humanos para que haja um processo mais qualitativo.

“ Desde que a gente tenha recursos, né? pra que isso se torne possível. Eu também já passei por essa fase de fazer edição com dois vídeos e tal, é ruim, fica uma coisa bem *Frankstein*, bem grotesco, mas espero poder colocar isso na minha vida.” **(Acadêmico)**

A falta de recursos materiais e técnicos do LaboMídia também pode ser explicada pela pouca idade, ou pelo pouco tempo de existência deste laboratório, visto que este tem apenas três anos aproximadamente de funcionamento. Sendo um laboratório recente, implica dizer, que este ainda não é um espaço muito conhecido, ou mesmo muito freqüentado, uma vez que muitos acadêmicos e professores ainda não conheceram efetivamente o laboratório e seus serviços; desta forma, é esperado que com um pouco mais de tempo haja um aumento da demanda, o que justificaria, em termos burocráticos, a aquisição de mais materiais.

Um segundo contexto em que a solicitação por melhores condições materiais e humanas se fez presente, se deveu ao fato de que, especificamente neste semestre letivo (2005/1) o LaboMídia passou por alguns percalços político-administrativos, que culminaram em seu fechamento provisório. Melhor dizendo, exatamente no semestre em que este trabalho está sendo escrito, o laboratório de mídia do CDS teve seu técnico administrativo transferido para outro setor da universidade e nenhum outro técnico foi disponibilizado em seu lugar, além de ter a bolsa do estagiário cortada pelo fato do laboratório não ter sido considerado pela universidade como Extensão.

Estes fatos culminaram no fechamento provisório do LaboMídia, o que também foi citado pelos sujeitos da pesquisa com bastante indignação.

“...agora que a gente vai conseguindo entrar num entendimento de como é que a gente pode produzir um vídeo, nesse semestre exatamente, né? O que acontece? A gente já não tem mais essa possibilidade de produção, tá pelo menos bastante limitada porque o laboratório não vai mais ter técnico e não tem bolsista...” **(Professor)**

“eu quero registrar o absurdo que tá acontecendo no Centro de Desportos! (...) a idéia do laboratório, né? (...)que tinha um técnico e um bolsista e daí, de repente, o único técnico que tinha na universidade praticamente ... foi levado pra outro lugar, e não foi renovado a bolsa do bolsista porque não consideram o laboratório, o LaboMídia, nem como extensão, nem como ensino. Quer dizer, não se encaixa nessa segmentação, no tripé da universidade, mas que é o espaço onde se pretende, exatamente, convergir esse tripé...” **(Pós-graduando)**

Constatamos assim, que os sujeitos valorizam o espaço do LaboMídia devido as diversas contribuições apresentadas nos agrupamentos categoriais anteriores e por isso reconhecem a necessidade da existência e manutenção deste espaço, denunciando a condição absurda (conforme a fala acima – pós-graduando) de fechamento provisório do laboratório e também da ausência de recursos materiais e humanos neste espaço. Estas falas denunciam, sobretudo, que o LaboMídia foi um espaço significativo para estes sujeitos, afinal, caso contrário estes não tomariam partido em prol do laboratório. Se os sujeitos tomaram conhecimento do fechamento provisório do laboratório, significa que esses voltaram a procurar o LaboMídia, seja para estudar ou para fazer novos vídeos, o que demonstra, que a produção de vídeos foi uma vivência marcante, pois inclusive, incentivou estes sujeitos a quererem produzir outros vídeos e a procurarem o laboratório de mídia novamente.

Percebemos que os obstáculos apontados pelos sujeitos são pertinentes e dizem respeito a questões de fundo político, ou mesmo devido ao pouco tempo de existência deste espaço. Embora tenham sido apontadas dificuldades, sabemos que também existem perspectivas para estes limites conforme discutiremos no próximo tópico.

ii) Sugestões:

Durante a coleta de dados, os sujeitos desta pesquisa apontaram algumas sugestões para o melhoramento do LaboMídia, indicando possibilidades para que este espaço fosse melhor implementado para a comunidade do Centro de Desportos UFSC. Assim, esta parte do trabalho trata de evidenciar as propostas apresentadas pelos participantes dessa pesquisa.

A partir das falas dos sujeitos, foi possível percebermos que foram feitas considerações basicamente a respeito de três propostas. A primeira delas, é relacionada à manutenção do espaço do LaboMídia, ou seja, garantir as condições de existência deste espaço, uma vez que este laboratório atualmente se encontra indisponível temporariamente à comunidade do CDS, conforme apontado no tópico anterior. Outra sugestão apontada com frequência, relaciona-se a divulgação do LaboMídia de diversas maneiras para que os graduandos, pós-graduando e professores da Educação Física UFSC tomassem maior conhecimento sobre os serviços e produções realizadas no referido laboratório. E por

último, foi indicada a proposta de serem realizadas atividades que permitissem aos graduando, pós-graduando e docentes interessados, um maior domínio técnico sobre as ferramentas e procedimentos técnico-instrumentais de produção de imagens.

Conforme apresentamos no item anterior, o LaboMídia, teve suas portas fechadas para a produção de audiovisuais durante o semestre 2005/1, fato este relatado, inclusive, pelos próprios sujeitos, que inconformados com esta situação, assim que foram questionados sobre possíveis melhorias a serem implementadas no Laboratório de Mídia do CDS, apontaram que o primeiro passo a ser dado, seria garantir o espaço do LaboMídia para toda comunidade do CDS. Nesta direção houveram depoimentos, como:

“... a primeira coisa é ir atrás mesmo desse direito, assim, que não é do LaboMídia, mas é um direito do CDS ter o LaboMídia! E aí, continuar o que vocês estão fazendo mesmo, sabe?” **(Acadêmico)**

Esta fala ilustra a requisição de um dos sujeitos para que se garanta a existência do Laboratório de Mídia do Centro de Desportos UFSC, porém esta sugestão, para ser realizada depende sobretudo de questões político-administrativas da direção do CDS e também da universidade, afinal, são necessários para a manutenção deste laboratório, diversos materiais, técnicos qualificados e estagiários, como aponta Belloni (2001, p. 89): “a inovação tecnológica exige grandes investimentos em equipamentos e em capacitação de professores”, o que implica entre outras coisas, em recursos financeiros, conforme reconhece outro de nossos entrevistados, também ao sugerir que se garanta a existência do LaboMídia:

“Primeiro a gente tem que garantir a existência desse espaço, né? Então assim, se não existe possibilidade de funcionário técnico na área (...) então que se invista nos meninos da graduação enquanto bolsistas do laboratório. E ter uma verba específica mesmo, porque a gente já pensou em várias coisas pra fazer aqui pro laboratório ... inclusive, a questão do registro dos vídeos, mas com que dinheiro que vai comprar as fitas pra guardar, para fazer esse arquivo?” **(Pós-graduando)**

Nesta fala é reforçada a colocação de que são necessárias verbas públicas para a manutenção dos recursos do laboratório, o que implica em ações políticas para o investimento de recursos financeiros, com a finalidade de manutenção deste espaço público de produção e veiculação do conhecimento. Assim, podemos dizer, que esta sugestão poderá a vir se realizar, a medida que o LaboMídia for se consolidando no CDS, pois como comentamos no tópico anterior, este é um laboratório muito recente. Conforme este espaço for sendo mais conhecido e utilizado pela comunidade do CDS será possível adquirir mais verbas e equipamentos, uma vez que a grande utilização do espaço justifica a aquisição de mais materiais e profissionais neste ambiente.

Outra sugestão indicada se referiu à divulgação do laboratório, seus serviços e produções, através de diferentes formas, justificado pelo fato de que, assim, mais pessoas poderiam conhecer o laboratório, o que implicaria num aumento da demanda e que conforme discutimos a pouco, tornaria possível o aumento dos recursos do LaboMídia. Vamos as falas:

“Divulgar, mostrar desde a primeira fase (...) mostrar essas possibilidades, porque as vezes você tá aqui no mesmo bloco, estudando ali em cima e nem sabe que existe, né? E não tem como conhecer mesmo. Então assim, eu acho que a partir do momento que as pessoas souberem da existência, fatalmente vão utilizar. Assim que eu soube, eu dei um jeito de vir aqui e fazer um trabalho...” **(Acadêmico)**

A sugestão dada pelo acadêmico acima vem sendo realizada pelo grupo PET¹⁷ da Educação Física. Desta forma, todo começo de semestre, este grupo promove um passeio com todos os recém ingressados no curso de educação física (os calouros) para conhecerem o Campus do Centro de Desporto UFSC. Neste evento, são apresentados aos calouros todos os laboratórios do CDS, entre eles o LaboMídia.

¹⁷ O PET (Programa de Educação Tutorial) é um grupo formado por acadêmicos bolsistas com atividades voltadas para a graduação, em ensino, pesquisa e extensão, coordenados por um tutor. Tem como objetivo melhorar a formação acadêmica não só dos bolsistas como também de toda graduação através da promoção de eventos científicos, de extensão, etc. O PET educação física da UFSC tem dez anos de existência e é formado por 12 bolsistas.

Na mesma direção outro sujeito complementou propondo trazer ao laboratório os docentes do CDS:

“ E aí, os próprios professores ... porque, de repente, a gente poderia também, chamar os professores pra conhecer o espaço.” **(Pós-graduando)**

Esta poderia ser uma atividade interessante e que poderia ser realizada, mas vale a pena ressaltar que, quando o Laboratório de Mídia foi instalado, foi entregue nas caixas de correspondência de todos os professores do Centro, um documento falando da instalação e apresentando o laboratório, além de convidar todos os professores do CDS a conhecer e utilizar o espaço. Contudo, conforme indicou nossa análise dos vídeos do LaboMídia (pág 33), apenas dois professores utilizaram este laboratório para produzirem vídeos, o que significa que grande parte dos docentes do CDS, apesar de informados sobre a existência do LaboMídia, ainda não o utilizaram efetivamente, o que também pôde ser observado pela experiência pessoal do autor deste trabalho durante os dois anos em que estagiou neste laboratório. Na maioria das vezes em que os professores procuraram o LaboMídia, o fizeram somente para realizarem cópias de vídeos didáticos ou pessoais.

Sobre esta utilização ainda incipiente dos docentes do CDS podemos dizer, a partir de Demo (1998), que ao professor moderno é imprescindível “o senso de **atualização permanente**” (p. 183), onde há o predomínio da renovação cultural, elemento este que parece estar pouco em voga em nossos professores.

Outras formas de divulgação foram propostas, entre elas: “fazer um bate-papo [uma mini-palestra], ou de repente marcar uma sessão de cineminha, né? Assistir os vídeos produzidos ...” **(Pós-graduando)**. Esta forma de divulgação também já vem sendo realizada, ainda que com pouca frequência, pelo grupo PET, que tem promovido mensalmente o Cine-Pet, um projeto que busca justamente veicular produções em vídeo no âmbito do CDS, sendo que em algumas dessas sessões foram veiculados vídeos produzidos por graduandos e pós-graduando da Educação Física UFSC, realizados no LaboMídia.

Ainda na idéia de divulgação do laboratório e suas produções, foi sugerido disponibilizar cópias dos vídeos produzidos pelo LaboMídia na sala de estudos da Educação Física e também na Biblioteca Central.

“... de repente duplicar os vídeos e mandar uma cópia pra sala de estudos, ou pra videoteca da universidade, na biblioteca central e tal. De repente fazer uma coisa assim também.”

(Pós-graduando)

Por fim, a última das sugestões diz respeito à instrumentalização técnica daqueles que tiverem interesse em realizar trabalhos em vídeo, através da promoção de oficinas que possibilitassem o manuseio correto da câmera filmadora e fotográfica, dos procedimentos de edição, etc.

“ de repente fazer uma oficina pras pessoas aprenderem a manusear o equipamentos ...”

“Porque assim, se a gente fizesse uma oficina, digamos assim, aprendêssemos a manusear o aparelho, o equipamento, tal, nós poderíamos pensar em fazer e ... ter outras possibilidades ao fazer o vídeos ...” **(Pós-graduando)**

Esta sugestão vem ao encontro da nossa indicação, do tópico anterior, de que seriam interessantes ações interdisciplinares com os cursos de Jornalismo e/ou Comunicação Social, uma vez que estes profissionais tem competência específica para tal tarefa. Neste sentido, acreditamos que seria relevante para ambas as áreas a troca de experiências a respeito da produção de vídeos como forma de veiculação e produção de conhecimentos relacionada aos desportos e demais elementos da cultura de movimento, uma vez que estes conteúdos (da cultura de movimento) poderiam ser aprofundados por aqueles profissionais do jornalismo que tenham interesse nestes fenômenos, conforme propõem Carvalho e Hatje (1996), enquanto para educação física seria uma possibilidade de aproximação das técnicas de produção de imagens como suporte para suas práticas pedagógicas, além da possibilidade de um contato maior com as teorias da comunicação social, que constituem a base para uma reflexão a respeito do uso da mídia na Educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visto cada um dos agrupamentos categorias apontados pela análise dos grupos focais e entrevista, podemos concluir que a produção de vídeos para os sujeitos desta pesquisa, ou seja, os graduandos, pós-graduandos e professores do CDS que tiveram contato aproximado com este recurso por meio do LaboMídia, foi uma vivência significativa para suas formações. Isto porque a produção de vídeos revelou-se como uma possibilidade metodológica/instrumental, a mais, que estes professores poderão dispor em seus repertórios, além de contribuir para uma melhor compreensão dos meios de comunicação de massa na contemporaneidade, permitindo aos participantes da pesquisa terem uma visão mais crítica destes meios em suas vidas cotidianas, enquanto cidadãos, e, em especial, na relação que estes meios mantêm com os elementos da cultura de movimento e suas implicações na prática pedagógica do professor de educação física escolar.

Assim, percebemos que os graduandos, pós-graduandos e professores passaram a compreender melhor o meio técnico de produção das imagens, o que os levou a um estágio mais avançado de entendimento das mídias, conforme eles mesmos relataram, o que, justamente, caracteriza um processo formativo, a reconstrução de saberes de forma crítica e autônoma (DEMO 1998).

Os participantes desta pesquisa reconheceram a relevância de se ter um espaço na formação do professor de Educação Física para os estudos da mídia relacionados ao esporte e demais elementos da cultura de movimento humana. Sendo assim, podemos dizer que estes sujeitos reconhecem também que a mídia possui implicações no campo da educação física, sendo necessário se ter clareza sobre estas implicações, para que possam esclarecer a si mesmos e a seus alunos, efetivando uma ação pedagógica emancipatória e crítica.

Estas afirmações pode ser visualizada nas falas dos próprios sujeitos, conforme destacamos.

“ essa questão aqui do laboratório ela é central, porque a gente vive na sociedade da informática, todo mundo fala!” **(Professor)**

“Eu acho que estudar a mídia, pensar a mídia, vir produzir mídia e ter um espaço democrático pra isso, deveria ser uma preocupação de todos os departamentos, de todos os cursos ... e a partir do momento que a gente lida com isso, com esse tipo de linguagem, quanto mais subsídios a gente tiver pra poder tirar dela o que de melhor ela puder nos oferecer, melhor!” **(Acadêmico)**

Visto as falas acima, consideramos que o Laboratório de Mídia do CDS é um espaço formativo e enriquecedor para a formação dos futuros professores e professores de Educação Física, propiciando àqueles que forem trabalhar com recursos audiovisuais na escola, elementos críticos para que possam utilizar destes recursos, de maneira coerente com as perspectivas educacionais implícitas e explícitas iminentes das novas tecnologias comunicacionais, contribuindo sobremaneira para a formação dos alunos enquanto espectadores das mais variadas formas de mídia, uma vez que é evidente a necessidade de um entendimento crítico da mídia nos dias atuais, sendo esta uma tarefa da escola e dos educadores de modo geral (PIRES, 2002).

Dessa forma entendemos que “somente a formação poderá garantir o espírito crítico necessário para o uso enriquecedor do meio” (FERRÉS 1996, p. 80). Assim, acreditamos que durante a formação do professor de Educação Física é mister o contato com conteúdos que permitam a reflexão e a apreensão crítica das influências da mídia na sociedade contemporânea, bem como o papel do educador, entre eles o professor de Educação Física, nesta sociedade midiaticizada. Neste sentido, nos parece que o conhecimento das formas de produção de materiais audiovisuais representa uma contribuição pertinente ao processo formativo do professor de Educação Física, enquanto um educador para mídia.

Para Demo (1998), é crucial ao professor moderno dar conta de produzir e compreender seu material didático próprio, que inclusive pode ser um vídeo, porém,

respeitando o compromisso de garantir a aprendizagem do aluno. Assim, a elaboração de material audiovisual próprio, torna-se um componente estratégico para uma formação que pretenda se fazer esclarecedora em relação aos modos de produção das imagens na contemporaneidade. Esta sugestão de Demo justifica nossa hipótese inicial de que a produção de vídeos na formação do professor de educação física é uma estratégia interessante para a compreensão dos meios de comunicação de massa, pois como afirma este autor, produzindo material próprio, o professor estaria conhecendo este material profundamente, podendo então utilizá-lo de maneira autônoma:

“trata-se de produzir materiais didáticos através de meios eletrônico, passando o professor de mero receptor para autor de propostas criativas, tendo sempre em mira contribuir para a aprendizagem tanto mais efetiva dos alunos. (...) tudo isso deverá fazer parte da competência humana normal de todo professor.” (DEMO, 1998. p. 194)

Acreditamos então, que a produção de vídeos foi uma estratégia demasiado interessante na formação dos sujeitos desta pesquisa, vistas as possibilidades educacionais percebidas e apontadas por estes, tais como:

“Acho que não só o professor de Educação Física mas os professores de forma geral deveriam ... eu faria até a sugestão pra passar por esta experiência porque a gente aprende muitas coisas.(...) Porque assim, você começa a prestar a atenção nas coisas de uma forma diferente, então como professora de Educação Física eu consigo vislumbrar essa linguagem pra minhas aulas” **(Pós-graduando)**

Contudo, é demasiado importante ressaltarmos que a produção de vídeos, apesar de constituir uma prática significativa para uma compreensão ampliada da mídia, por si só, esta prática não compreende elementos suficientes para uma formação efetivamente crítica, afinal, o processo formativo depende, entre outras coisas, do confronto de idéias, do esforço reconstrutivo, da superação de antigos saberes em novos saberes, etc. Sendo assim, é evidente que para uma formação crítica em relação a mídia, é necessário não só a produção de vídeos durante a formação, mas também, a reflexão teórica. Afinal, “evidentemente, a simples introdução de um suporte tecnológico não significa a inovação

educacional”(BELLONI,2001. p. 89). Esta é uma constatação também apontada pelos sujeitos da pesquisa.

Assim, alguns depoimentos indicaram que foi possível a obtenção de uma compreensão aprofundada sobre a relação entre a mídia e a Educação Física, justamente porque os sujeitos uniram a vivência de produção do vídeo com reflexões realizadas na disciplina Educação Física, Esporte e Mídia.

“Então assim, isso não só o trabalho[o vídeo], mas o trabalho e a disciplina ajudou muito, sabe? Pra refletir mesmo ... o que ta acontecendo?, o que ta havendo? Porque vem[a mídia] dessa forma pra gente?” **(Acadêmico)**

“Eu acho que não foi só a produção do vídeo, mas essa caminhada toda ... desses dois últimos anos eu acho, tendo contato com a discussão teórica acerca da mídia, da mídia e educação e tal ...” **(Pós-graduando)**

Estas afirmações demonstram que a construção de uma formação crítica para a mídia é **um processo** (DEMO 1998), que depende da relação dialética entre a discussão teórica e a vivência prática de experimentação da produção instrumental do recurso audiovisual. Nesta direção, Pires (2002), ao falar de sua proposta de uma disciplina curricular que abordasse a inter-relação mídia/educação física, admite, que frente a complexidade existente na tarefa do esclarecimento crítico da mídia, ações isolada não dão conta plenamente deste desafio. Sobre esta perspectiva o autor ressalta que: “Essa mesma complexidade demonstra, porém, que dificilmente o espaço/tempo curricular de apenas um disciplina seja suficiente para introduzir e consolidar as estruturas de mediação e esclarecimento à recepção da mídia esportiva” (PIRES, 2002. p. 303). Sendo assim compreendemos, que as duas ações são complementares e inseparáveis na formação de sujeitos críticos para os meios de comunicação de massa.

Por fim, acreditamos, por tudo que foi apresentado e discutido até aqui, que a possibilidade de produção de vídeos e o acesso ao LaboMídia, constituem um caminho imprescindível para a formação de professores e futuros professores de Educação Física, que sejam capazes de atuarem com as novas tecnologias de informação e comunicação no

meio escolar de maneira crítica, em busca de uma educação superadora, que possa esclarecer sobre as mensagens veiculadas nos meios de comunicação de massa a respeito da cultura de movimento. Pois pensamos, como Ferrés (1996, p. 172):

“A formação não eliminará somente os riscos da manipulação [pelas mídias], mas intensificará também as oportunidades de aprendizagem. O que era causa de alienação se transformará em uma provocação para a reflexão crítica. A televisão deixará de ser um meio que adormece para se transformar em um meio que enriquece.

Nesta direção, encerramos este trabalho convictos de que o LaboMídia constitui um espaço semelhante à perspectiva dos centros de formação de educadores sugerido por Sérgio Guimarães em diálogo com Paulo Freire:

SÉRGIO – Não sei se você concorda comigo, mas estou dizendo isso por achar que não seria tempo perdido o de pensar de novo na restauração desses centros de formação de professores; centros que fossem, ao mesmo tempo, centros de apoio à produção de materiais audiovisuais. Teríamos aí, num mesmo espaço, a combinatória – que me parece indispensável – entre a produção de materiais educativos e a formação de docentes. Essa formação, por sua vez, seria concebida como formação de novos professores, ao lado de uma prática de formação dos profissionais já no exercício do magistério. Esses centros seriam, portanto, verdadeiras agências de formação permanente (...)

PAULO – Acho essa idéia excelente. O próprio momento de confeccionar um material é altamente pedagógico, político, enquanto prática. A prática de fazer, de criar, de pensar, de projetar um material adequado, que corresponda melhor às condições concretas, sociais, da população de uma área; a prática de executar, de avaliar, de medir a utilidade e a eficiência do material, é uma prática profundamente pedagógica. (GUIMARÃES, FREIRE, 1984. p. 89)

REFERÊNCIAS

BATISTA, Sidnei Rodrigues; BETTI, Mauro. A televisão e o ensino da educação física na escola: uma proposta de intervenção. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 26, n. 2, p. 135 – 148, Janeiro de 2005.

BELLONI, Maria Luiza. *O Que é Mídia-Educação*. Campinas-SP: Autores associados, 2001.

BETTI, Mauro (org). *Educação Física E Mídia: Novos Olhares, Outras Práticas*. In: São Paulo: Editora Hucitec, 2003.

BETTI, Mauro. Esporte na Mídia ou Esporte da Mídia? *Revista Motrivivência*. Ano XII, nº 17, p. 107 – 112, Setembro de 2001.

BETTI, Mauro. In: entrevista pessoal. Maio de 2005.

BRACHT, Valter. UM POUCO DE HISTORIA PARA FAZER HISTORIA: 20 anos de CBCE. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas –numero especial – 20 ANOS CBCE – Setembro.1998. p. 12-18.

CARVALHO, Sérgio; HATJE, Marli. Propostas de desenvolvimento de um novo conhecimento na e para a Educação Física e a Comunicação Social no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 17, n. 3, p. 260-265, maio, 1996.

DEMO, Pedro. *Questões Para A TELEDUCAÇÃO*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1998.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. 4ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

FERRÉS, Juan. *Televisão e Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GUIMARÃES, Sérgio & FREIRE, Paulo. *Sobre Educação (diálogos)*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GOMES, F. Araújo. *Pesquisa e Análise De Conteúdo*. Rio de Janeiro - RJ: Âmbito Cultural Edições, s/d.

KUNZ, Elenor. *Educação Física: ensino e mudança*. 2ª. ed. Ijuí: Ed. da Unijui, 2001.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Ed. da Unijui, 1994.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. 7ªed. São Paulo: Cultrix, 1993

MENDES, Diego; NEVES, Paulo; PIRES, Giovani De Lorenzi. Labomídia: construindo novas linguagens informacionais na Educação Física In: Semana de Pesquisa e Extensão da UFSC, 4, 2004, Florianópolis /SC. **Anais...** Florianópolis: SEPEX, 2004;

PIRES, Giovani De Lorenzi. A Pesquisa em Educação Física e Mídia nas Ciências do Esporte: um possível estado atual da arte. *Revista Movimento*. Porto Alegre, v.9, n.1, p. 09-22, 2003.

PIRES, Giovani De Lorenzi. *Educação Física E O Discurso Midiático: abordagem crítico-emancipatória*. Ijuí: Ed. Unijui, 2002.

PIRES, Giovani; MENDES, Diego. Laboratório de Estudos Pedagógicos do Centro de Desporto – LEPED/CDS/UFSC: setor de audio/vídeo. In: Semana de Pesquisa e Extensão da UFSC, 3, 2003, Florianópolis /SC. **Anais...** Florianópolis: SEPEX, 2003;

TRIVIÑOS, N.S.A. *Introdução À Pesquisa Em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXOS

ANEXOS 1.

ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS

- 1 – DE QUE MANEIRA VOCÊS CONHECERAM O LABOMÍDIA?
- 2 – QUAIS OS MOTIVOS QUE LEVARAM VOCÊS A OPTAREM POR PRODUZIR TRABALHOS EM VÍDEO?
- 3 – VOCÊS LEMBRAM DO VIDEO QUE FOI PRODUZIDO NO LABOMIDIA? COMO FOI ESTA VIVÊNCIA DE PRODUZIR UM VÍDEO?
- 4 - QUAIS AS PRINCIPAIS VANTAGENS EM PRODUZIR ESTE(S) VIDEOS(S)? E AS MAIORES DIFICULDADES?
- 5 – EM QUE MEDIDA ESTA VIVÊNCIA PODE TER CONTRIBUIDO PARA SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA E/OU PROFISSIONAL?
- 6 - E EM QUE MEDIDA ESTA VIVÊNCIA PODE TER CONTRIBUIDO PARA SUA VISÃO COMO CIDADÃO EM RELAÇÃO AS MÍDIAS E SUAS TECNOLOGIAS DE CONSTRUÇÃO DE IMAGENS?
- 7 – EXISTEM PERSPECTIVAS FUTURAS PARA PRODUÇÃO DE OUTROS VÍDEOS PARA UTILIZAÇÃO EM SUA VIDA PROFISSIONAL? QUAIS?
- 8 - QUAL A IMPORTÂNCIA DE HAVER UM LABORATÓRIO COMO ESTE NO CENTRO DE DESPORTOS?
- 9 - COMO ELE PODERIA SER MELHOR IMPLEMENTADO PARA CONTRIBUIR NA FORMAÇÃO DOS ACADÊMICOS, PÓS-GRADUANDOS, ETC.

ANEXOS 2.

RELAÇÃO DOS TÍTULOS DE VÍDEOS PRODUZIDOS NO LABOMÍDIA

- 1- V Semana Da Educação Física Da Ufsc & Mostra De Trabalhos Acadêmicos
- 2- VI SNUC: Simpósio Nacional Universitário de Capoeira
- 3- Atletismo
- 4- Azimute
- 5- Bangu...um sonho!
- 6- Brincadeiras
- 7- Contexto Escolar: Espaços e Tempos
- 8- Educação Indígena: estrutura física
- 9- Educação Infantil
- 10- Educadores
- 11- Estágio Em Imagens
- 12- Experimentando o Olhar na Escola Básica Porto do Rio Tavares
- 13- Formação do Profissional da Educação
- 14- GTT 2 – XIII CONBRACE – CAXAMBU 2003
- 15- Henry Wallon: Bibliografia
- 16- Imagens
- 17- Imobilizando Fraturas
- 18- INCLUSÃO NO PAÍS DOS EXCLUIDOS: Educação, Lazer e Inclusão na Universidade, estudo de 2 projetos da UFSC
- 19- Jogos Da Amizade
- 20- Lazer Na UFSC : Cenas de uma Ocupação Pacífica
- 21- Mídia E Voleibol
- 22- MST
- 23- O Que É Educação Física
- 24- Prática De Ensino Em Imagens : Turma Pipoca
- 25- Programa Esporte E Mídia
- 26- PROJETO BRINCA MANÉ: Contando Alegrias
- 27- Seleção De Talentos No Futebol

- 28- Sem Rima Mas Com Fundamento
- 29- SNUC: Uma história pra contar e aprender
- 30- *“Super Size Me”*: *american away off life...*o nosso caminho
- 31- Transporte De Acidentados
- 32- Turma Pipoca
- 33- Uma Discussão Acerca da Cidadania e da Ética
- 34- Uma experiência com o teatro na aula de educação física
- 35- Um Poema À Toa

ANEXO 3.
FICHAMENTO DOS VÍDEOS DO LABOMÍDIA